



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LIMITES REPRESENTACIONAIS
EM FREUD: TEORIA E CLÍNICA.**

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Orientador: Fabio Malcher Martins de Oliveira

Rio de Janeiro

2020

**CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LIMITES REPRESENTACIONAIS
EM FREUD: TEORIA E CLÍNICA.**

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Teoria
Psicanalítica (Instituto de Psicologia), da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
parte dos requisitos necessários à obtenção do
título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Fabio Malcher Martins de Oliveira

Coorientador: Carlos Alberto Ribeiro Costa

Rio de Janeiro

2020

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LIMITES REPRESENTACIONAIS
EM FREUD: TEORIA E CLÍNICA.

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Orientador: Fabio Malcher Martins de Oliveira

Coorientador: Carlos Alberto Ribeiro Costa

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (Instituto de Psicologia), da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr. Fabio Malcher Martins de Oliveira

Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro Costa

Prof. Dr. Marcos Eichler de Almeida Silva

Prof. Dr. Flavia Lana Garcia de Oliveira

PUCCINI, Eduarda P. Corrêa da Costa
CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LIMITES
REPRESENTACIONAIS EM FREUD: TEORIA E
CLÍNICA / Eduarda Puccini Corrêa da Costa. – 2020.

Dissertação (mestrado) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO, UFRJ/ Instituto de Psicologia/ Programa
de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro,
2020.

Orientador: Fabio Malcher Martins de Oliveira.

Referências Bibliográficas: f. 119-121.

1. Psicanálise. 2. Representação. 3. Pulsão 4. Clínica. 5. Real
I. Costa, Carlos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em
Teoria Psicanalítica. III. Algumas considerações sobre o
limite da representação na teoria freudiana.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Maria Eunice e Eduardo.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Carlos Costa, pelos anos de ensino, pela paciência e orientação sempre assertiva.

Ao Prof. Dr. Fabio Malcher, pelos anos de ensino, direcionamento e por me estimular a entrar nessa jornada.

Ao Prof. Dr Marcos Eichler, pelos apontamentos e sugestões.

À Prof. Dr. Flavia Lana pela gentil composição da banca.

À Ana Beatriz Freire, que ajudou a fazer da psicanálise um caminho do qual eu não quis retornar.

Aos demais professores que através da dedicação em passar o conhecimento contribuíram enormemente para o enriquecimento do processo.

À Maria José Puccini, Marcia Puccini e Alexandre Melo, por não medirem esforços para me apoiar nesse percurso.

À Luisa Sabino, Raquel Sacco e Iany Brum, por todo amor, apoio e conversas desde a faculdade, por tornarem esse período tão especial.

Ao Luiz Felipe Thomé, pelas muitas horas de discussões teóricas, trocas e por sempre acreditar na minha capacidade.

À Marília Rossi pela amizade e apoio de tantos anos.

Às minhas amigas e colegas desde a faculdade até o mestrado Danielle Cervino e Rafaela Nascimento.

À Débora Cavalcanti Corrêa da Costa, por ser, além de irmã, uma grande amiga. À Maria Eunice Puccini e Eduardo Mariz Corrêa da Costa pelo amor e carinho ao longo dos anos e por possibilitarem que tudo isso acontecesse.

RESUMO

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS LIMITES REPRESENTACIONAIS EM FREUD: TEORIA E CLÍNICA.

Eduarda Puccini Corrêa da Costa. Orientador: Fabio Malcher Martins de Oliveira e Coorientador: Carlos Alberto Ribeiro Costa. Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Essa dissertação explora a teoria freudiana no que concerne às possibilidades e limites do aparelho psíquico em sua função representacional. Para tal, partimos do resgate do termo freudiano apresentação (*Vorstellung*) – e mais secundariamente do termo representante (*Repräsentanz*) – como contraponto a usual tradução em português destas expressões alemãs por “representação” (tradução esta que pode acabar evocando certo compromisso implícito em termos de se pensar o psiquismo como um espelhamento do mundo externo). Assim, num percurso pela obra freudiana, nos deparamos com a agudização dessa ruptura psicanalítica com a tradição representacionista em três grandes pontos: a) com a queda da teoria da sedução, o problema das paralisias corporais histéricas e a descoberta da realidade psíquica inconsciente, como realidade estruturada pelo desejo (fantasias, sonhos, sintomas, etc.); b) pela opacidade relativa ao pulsional, acessível ao psiquismo apenas indiretamente, por meio de seus representantes de apresentação; e, c) pelos limites teórico-práticos ligados à clínica, principal campo a desencadear esse trabalho, no que concerne à ocorrência necessária da compulsão à repetição, da atuação, e de outras vicissitudes econômicas do pulsional, que apontam para a impossibilidade de uma análise se dar totalmente como processo de pura rememoração (o preencher lacunas psiquicamente). Foi feito um percurso pela obra freudiana nos pontos em que o autor pareceu encontrar um limite do que se pode ser apresentado. Procuramos pensar o desenvolvimento do psiquismo desde um aparato para domar intensidades, até as complexidades envolvidas no conceito de pulsão de morte. Na primeira tópica as inscrições por traços mnêmicos parecem ter um limite desde o início, o que não some na segunda tópica, onde, além da pulsão de morte que traz uma repetição própria, também a clínica irá se deparar com um repetir e um perlaborar. Se há um limite intrínseco ao que se pode apresentar, como se daria essa clínica do impossível?

ABSTRACT
CONSIDERATIONS ABOUT THE REPRESENTACIONAL LIMITS IN FREUD:
CLINIC AND THEORY

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Advisor: Carlos Alberto Ribeiro Costa. Abstract of the Master's Dissertation submitted to the Post-Graduate Program in Psychoanalytic Theory, Institute of Psychology, of the Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ, as part of the necessary requirements to obtain the title of Master in Psychoanalytic Theory.

This dissertation explores the Freudian theory, about the possibilities and limits of the psychic apparatus in its representational function. For this, we start from the rescue of the Freudian term presentation (*Vorstellung*) - and more secondary to the term representative (*Repräsentanz*) - as a counterpoint to the usual Portuguese translation of these German expressions by “representation” (a translation that may end up evoking a certain implicit commitment in terms thinking of the psyche as a mirror of the external world). Thus, in a journey through Freud's work, we are faced with this psychoanalytic rupture with the representationalist tradition in three main points: a) with the fall of the seduction theory, the problem of hysterical bodily paralyzes and the discovery of the unconscious psychic reality, as reality structured by desire (fantasies, dreams, symptoms, etc.); b) by the opacity related to the drive, accessible to the psyche only indirectly, through its presentation representatives; and, c) by the theoretical-practical limits linked to the clinic, the main field to trigger this work, in what concerns the necessary occurrence of repetition compulsion, performance, and other economic vicissitudes of the drive, which point to the impossibility of an analysis to give itself totally as a process of pure recollection (filling gaps psychically). A journey through Freud's work was made at the points where the author seemed to find a limit to what can be presented. We try to think about the development of the psyche from an apparatus to tame intensities, to the complexities involved in the concept of death drive. In the first topic, the inscriptions by mnemonic traces seem to have a limit from the beginning, which does not disappear in the second topic, where in addition to the death drive that brings its own repetition, the clinic will also encounter a repetition and the “work through”. If there is an intrinsic limit to what can be presented, how would this clinic of the impossible take place?

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1 2.
CAPÍTULO UM.....	9
Surgimento da clínica psicanalítica e as apresentações.....	9
Ema.....	16
traumático.....	21
satisfação e Das Ding.....	23
.....	28
sonhos.....	28
sonho.....	42
TRÊS.....	45
sobre a teoria da sexualidade.....	45
vicissitudes.....	49
inconsciente.....	53
pulsão da morte.....	56
Rochedo da castração.....	64
CAPÍTULO QUATRO	67
Recordar repetir e elaborar.....	67
<i>Durcharbeitung</i>	70
Análise terminável e interminável.....	73
Construção em análise.....	81
CONCLUSÃO.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92

1. INTRODUÇÃO

A decisão de me lançar na escrita da presente dissertação aconteceu da mesma forma que decidi estudar psicanálise. Escolhi a palavra ‘lançar’ para tal descrição, pois não poderia ser, nesse caminho, algo diferente de um salto. Para que a razão disso fique clara, devo começar do início.

Fui atravessada efetivamente pela psicanálise num período em que aulas e estágio nesse tema se avolumaram no meu cotidiano. Não consigo localizar o dia, frase ou hora, mas lembro do que me fez escolher essa orientação em detrimento de tantas outras. Iniciei meu estágio no *Circulando*, um projeto para jovens e adultos autistas e psicóticos, composto de diversos dispositivos; dentre estes, entrei em uma oficina de teatro, junto com alunos da graduação de teatro da Unirio, instituição com a qual a UFRJ tem parceria nesse projeto. Paralelo a isso, passei no processo seletivo do CAPSI Carim, o que também me colocou em contato com o trabalho do SUS em saúde mental pela ótica da psicanálise.

Acredito que todo estagiário espere um manual de como ser um bom profissional ou, no mínimo, um jeito certo de agir. Como norte, me foi apresentado a *ética da escuta* – palavras muito enigmáticas à época; hoje um tanto menos. O que ficou para mim, no entanto, foi aceitar o não saber e essa ser a direção. A frase ‘a cada novo paciente a psicanálise se reinventa’ me gerou uma questão – algo da psicanálise não pretender saber sobre tudo/responder tudo; não pretender uma completude, me fez escolher essa linha em detrimento das outras.

Ao fazer a disciplina de psicanálise que trabalhou o texto *Além do princípio do prazer de 1920*, através de uma leitura que posteriormente me foi dito ser mais lacaniana do texto, o tema da pulsão de morte se tornou magnético.

Se em 1915 (2010) Freud afirma que: “o objeto do instinto¹ é aquele com o qual ou pelo qual o instinto pode alcançar sua meta. É o que mais varia no instinto, não estando

¹ A editora Companhia das Letras muitas vezes verte o termo “*Trieb*” em termos de “instinto”, em contraponto com a tradução do termo por pulsão, derivado de *pulsion* em francês, termo este a ser por nós privilegiado devido a sua não homonímia com a força biológica inata cara a etologia. A tradução da versão de ambas editoras parecem acompanhar a construção da tradução inglesa das Obras Standard, feita do alemão para o inglês e depois deste para o português, transliteração em que *Trieb* se encontra traduzido por “instinto”,

originalmente ligado a ele, mas lhe sendo subordinado apenas devido a sua propriedade de tornar possível a satisfação” (p. 53), em 1920, por sua vez, percebemos que a ideia da autonomia da pulsão de morte relativamente à libido o afligia profundamente. Sustentar uma destrutividade não derivada das pulsões sexuais era de difícil aceitação à época, segundo Garcia-Roza (1990 [2000]). Após dez anos ele, então, propõe que a destrutividade fosse pensada como uma disposição pulsional independente, autônoma, originária e não mais necessariamente referida a um componente erótico (FREUD, 1930 [2010]).

No entanto, é importante perceber que mesmo anteriormente a isso, Freud já propunha a ideia de um trabalho fundamental de vinculação psíquica, entre traços de memória e afeto, e entre estes traços em diversos registros psíquicos, num aparelho que, segundo ele, “formou-se por um processo de estratificação” (FREUD, 1896 [1984], p. 317). O autor acrescenta ainda que “o que há de novo a respeito da minha teoria” – escreve ele, em 1896, a *Fliess* – “é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, desdobra-se em vários tempos e é registrada em diferentes espécies de indicações”. As falhas nessas vinculações – que não eram propriamente desvinculações – já apontavam o quanto o aumento de tensão destas oriundas poderia mobilizar o psiquismo em termos de “mecanismos de defesa”.

Se na carta 52, datada de 1896, Freud tenta explicitar como se dariam essas vinculações e traduções das quantidades psíquicas entre os diferentes registros psíquicos, traduções estas possibilitadas ou não pelo mecanismo do recalque, a posterioridade dos desenvolvimentos da teoria freudiana vem tornar mais visível uma espécie de limite, ligado ao sexual, à que essas vinculações e traduções pudessem se dar. Essa ideia de haver algo que não era “traduzido” psiquicamente, que não passava de um registro de intensidades para um de símbolos, algo que em si desafia o funcionamento do psiquismo, me fez sentir vontade de pesquisar o tema.

Conforme fui conhecendo os conceitos, especialmente o de “Real” criado por Lacan, pensado não apenas como não simbolizado, mas como algo impossível de simbolizar, percebi alguma ressonância; não só em relação à pulsão de morte, mas com alguns outros aspectos do texto freudiano que explicarei a seguir. Mas, o que mais me chamou a atenção foi a não capacidade do sistema simbólico de representar certos aspectos da experiência humana.

inclusive devido a não existência da palavra pulsão no inglês. Assim, doravante, em nossa escrita e nas

Como eu estagiava com autismo, alguns outros fenômenos também chamaram minha atenção. Não é preciso tanto tempo ao lado de um autista para perceber como nós (neste caso, “não autistas”) somos invasivos para eles. É muito comum que um simples olhar desestabilize-os rapidamente, assim como um toque, ou palavra dirigida a eles. Essa clínica que aqui vou chamar de *clínica do autismo*, leva isso em conta na prática. Esse Outro que se mostra invasivo/não barrado, a dificuldade ligada à presença afetiva não mediada, e os desdobramentos e êxitos do tratamento sinalizam a importância de não reduzir a causa do autismo à genética, mas de considerar as vicissitudes de um sujeito antes a não simbolização dessa falta/furo do Outro.

O que seria então esse Outro que para um neurótico se apresenta de determinada forma (ainda que não uniforme), e para o autista de maneira diversa? Se há uma diferença entre um e outro, não há uma *realidade* unívoca. Melhor dizendo, o que se chama “realidade” – o que por si só já abriria uma discussão – não se constitui da mesma forma em um ou outro desses modos de constituição.

Durante esse período, eu fazia análise pessoal, o que de certa forma ajudou a identificar o motivo do meu interesse pelo tema. Em certo momento, percebi como se eu, delimitando onde estão os pontos nos quais a representação falha, em que parte não há sentido possível eu pudesse, de certa forma, controlar “meu” inconsciente. Dado que algo dessa falha na simbolização continuou a se impor, sobreveio, para nós, a questão central de nossa dissertação: o que seria um tratamento cuja direção incluísse os limites imanentes do aparelho psíquico para representar e simbolizar?

Claro que algumas mudanças aconteceram não só na forma como eu enxergava a psicanálise, mas também nas percepções acerca do que eu estava rodeando. Freud também mudou sua clínica e direção do tratamento na psicanálise. Se inicialmente tornar o inconsciente consciente seria a direção do tratamento proposto em 1913, para dar conta do sintoma neurótico, certamente os impasses com a compulsão à repetição e com os limites da interpretação não o fariam permanecer neste caminho em 1938, por exemplo.

Para encaminhar melhor nossa questão, começaremos por nos aproximar, sucintamente, do que está em jogo quando falamos do representacional na psicanálise. Tanto o termo

“representação” (tradução de *Vorstellung*, pela edição Standard das obras de Freud), quanto de afeto são elementos precoces na teoria freudiana. Um dos primeiros trabalhos de Freud

3

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

(1891) já trazia as expressões “representação de objeto” e “representação de palavra” como formas de recurso e “hipótese de trabalho” (1894a?) para a compreensão das afasias e das psicopatologias. A hipótese aplicada inicialmente à histeria (FREUD & BREUER, 1893) e posteriormente expandida para as neuropsicoses de defesa (FREUD, 1894), tinha a defesa como atividade psíquica responsável pelo desligamento energético e perda de associação representacional (desinvestimento), o que geraria deslocamentos ideativos e afetivos, além das conversões somáticas.

Esse início da articulação de defesa com a concepção de um campo energético representacional foi um salto teórico para a psicanálise (CAMPOS, 2011). Freud (1891) começa a definir os termos gerais da hipótese representacional, com a concepção do esquema psicológico da representação ideativa. Ele então define a representação palavra como um complexo fechado de representações de caráter verbal, enquanto a representação de objeto como um complexo aberto de associações de objeto (visuais, táteis, acústicas, etc.). Entretanto, esta distinção entre representação de palavra, representação de objeto e representação de coisa apenas se articula desta forma sob essa denominação em “Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico” do ano de 1891, quando os conceitos acima enunciados ocuparam papel proeminente na construção da arquitetura de uma teoria do psiquismo de então.

Sobrevém, assim, uma primeira questão, relativa ao lugar do representacional para Freud, obscurecida pela tradução deste para o português: o termo representação, principal expressão usada na Edição Standard para verter o termo *Vorstellung*, incorpora a esse termo conotações distintas do alemão. Segundo Hanns (1996, pp. 389-404) em alemão há dois termos utilizados por Freud: *Vorstellung* e *Repräsentanz*. *Vorstellung* é um substantivo do verbo *vorstellen*, que tem três significados distintos:

- 1) concepção, conceito, noção, ideia, imagem, pensamento (...); o verbo *sich vorstellen* é geralmente empregado de forma reflexiva e significa imaginar ou pensar (conceber uma imagem sensorial sem a presença concreta do objeto),
- 2) Apresentação, ato de mostrar, colocar diante de (mais empregado como verbo),
- 3) Apresentação de algo, encenação, por exemplo de peça teatral, ou exibição de filme. (1996, pp. 387-8).

Ainda segundo Hanns (1996, p. 387), no primeiro sentido *Vorstellung* implica a visualização de um “movimento de colocação de algo diante de nós”. Diferente do termo *darstellen*, que significaria um esforço para captar (figurar, capturar) algo que já existe na

4

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

linguagem e trazê-lo para “dentro”. “*Vorstellen* é apenas montar e apresentar para si ou para outrem, não envolve o trabalho de constituir” (HANNNS, 1996, p. 388).

O ato de “conceber-construir visualmente” uma situação hipotética aproxima-se da atividade da “fantasia” ou “imaginação”, e não conserva o esforço de conservar um espelhamento ou fidedignidade. O termo *Vorstellung* diz respeito a uma apresentação na forma de imagem no psiquismo de um objeto. Outro termo privilegiado por Freud é o de *repräsentanz*, representante, elemento eleito como uma delegação, sinal ou evocação indireta de algo ausente, recorrentemente utilizado por Freud para falar da figuração da excitação somática no psiquismo. Essa delegação pode se dar na forma de afeto – o que constitui um representante ideativo (Hanns, 1996, p. 400). Com fins de conservar essa especificidade, tecemos, aqui, um primeiro operador de trabalho de nossa questão inicial, que pretende lançar luz sobre o que seria um tratamento cuja direção incluísse os limites imanentes do aparelho psíquico para representar e simbolizar: onde, na edição Standard, verteu-se *Vorstellung* por representação, optaremos por reler e utilizar o termo “apresentação”.

Avançando neste debate, podemos supor então que a teoria das apresentações psíquicas é um operador teórico inicial no pensamento freudiano, sendo posteriormente abarcada em uma formulação teórica mais geral da dinâmica psíquica – a teoria pulsional. A apresentação psíquica se tornará parte de um *circuito pulsional* que articula a excitação somática, pulsão, apresentação psíquica e descarga (HANNNS, 1996). As apresentações (*Vorstellungen*) são definidas pela sua função de serem representantes, as delegações (*Repräsentanz*) da pulsão. Segundo Campos (2011) são a contrapartida psíquica da excitação somática, as expressões da pulsão no aparelho psíquico.

Campos (2011) prossegue sinalizando que a expressão energética quantitativa se dá de duas formas qualitativas distintas: a apresentação ideativa (*Vorstellung*) e o afeto (*Affekt*). A primeira é imagético conceitual e a segunda é entendida como sinal da descarga associada a uma sensação de prazer ou de desprazer. Quanto a nós, relembramos que, para Freud (1894),

algo do *quantum* de afeto sempre restou distinto mesmo dos sinais afetivos enquanto traços das emoções ou sensações de prazer e desprazer conscientes, que é inquantificável, irreduzível a sua tradução em termos qualitativos. Dentro das apresentações ideativas, Freud faz a distinção entre apresentação coisa e apresentação palavra. Já em relação aos afetos, o que ganha relevância teórica é o afeto de angústia, visto que constituirá a expressão da intensidade

5

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

pulsional em sua forma mais desligada das apresentações ideativas (CAMPOS, 2011), sendo as formas básicas pela qual a psicanálise descreverá os fenômenos psíquicos.

Chegamos num ponto, no entanto, que é necessário dizer que existem diversas formas de pensar a teoria representacional. Veremos como Campos (2011) descreve tal efeito:

A hipótese representacional constitui-se um ponto de tensionamento na metapsicologia, uma vez que a psicanálise progressivamente indicará como o campo das representações é dinamizado por uma energia móvel que, no limite, tende a escapar das amarras dos chamados traços mnêmicos. Em outras palavras, a teoria psicanalítica de Freud estará para sempre marcada pela disjunção entre a representação e o afeto como origem da própria dinâmica psíquica. Do ponto de vista epistemológico essa dificuldade teórico conceitual está referida à própria singularidade do campo psicanalítico [...]. (p. 127).

A tese do autor mencionado acima é que o desenvolvimento da metapsicologia freudiana trará dois problemas para esse modelo representacional em que está assentada. No primeiro ponto, a tentativa é compreender a relação e o alcance da concepção de apresentação a partir do modelo de identificação, que se tornou base da segunda tópica. Como a apresentação passa a ser compreendida nesse novo aparato? Para fazer essa consideração a pulsão de morte e sua impossibilidade de apresentação devem ser levadas em conta. O que, segundo o autor, nos leva ao segundo ponto que é o de pensar a apresentação frente o irrepresentável, tanto na angústia quanto na apresentação ideativa. Insiste Campos (2011) que:

[...] os fios dessa nova meada teórica parecem apontar para um paradigma do negativo: o afeto remetendo ao desamparo e à morte; a representação perdendo o caráter ideativo e se convertendo em uma amálgama de identificações; a satisfação cedendo lugar à compulsão torturante e a tentativa de ligação. O eixo do desejo revela em sua origem a impossibilidade de elaboração psíquica. (p. 856).

Mobilizado por essa questão, o autor resolveu investigar como conceber a relação entre a teoria da apresentação e o que a transcende. A hipótese dele é de que desde o início há um duplo limite do modelo representacional na metapsicologia, que se evidenciará a partir da segunda tópica. Entretanto, embora estivéssemos inicialmente indo por esse caminho, nosso

objeto de estudo aqui é outro. Nesse ponto, indicamos um reposicionamento de nossa dissertação: primeiramente voltada ao questionamento de um debate metapsicológico voltado aos limites representacionais, (que, em nossos estudos concluímos ser um caminho já consolidado nas teorizações atuais), esse trabalho se voltou à pesquisa pelas repercussões clínicas dessa problemática. Em outras palavras, gostaríamos de enfatizar a relação destas teorizações com a clínica. Como isso se desdobra na experiência analítica? E, principalmente, quais indicadores Freud nos aponta em termos de direção do tratamento?

6

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Embora tenha sido a psicose um dos polos a suscitar nossas questões, não seria exequível se aprofundar nas saídas clínicas também dessa estrutura, não tão explorada por Freud quanto a neurose, dessa forma trabalharemos nessa dissertação privilegiando a neurose, tendo em vista que nosso recorte passa por acompanhar mais de perto o percurso freudiano.

Para tal, iniciaremos o primeiro capítulo da dissertação com os casos clínicos que levaram Freud a fundar a psicanálise, primeiramente abordando a correspondência de Freud para Fliess, em seguida *Estudos sobre a histeria* (1893-95), onde queremos trazer como a descoberta do inconsciente está ligada a uma outra cena, a realidade psíquica, em que nos aprofundarmos na afirmação “as histéricas sofrem por assim dizer de reminiscências” – o que significaria isso e quais os efeitos que fizeram Freud delinear os passos seguintes na clínica. Também trabalharemos o texto “*Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*” (1893) onde Freud traz claramente que o que se paralisa é uma apresentação corporal linguístico-imaginária, não uma apresentação neurológica de uma terminação nervosa no encéfalo, ou seja, há uma diferença entre o orgânico do corpo e o real pulsional localizado num entre o imaginado e erigido a partir da língua comum.

Na sequência, ainda no primeiro capítulo, iremos abordar o aqui chamado “ponto de inadaptção” onde passaremos pela queda da teoria da sedução (carta 69), bem como a carta 52 e a “da experiência de satisfação” onde Freud traz a *Das Ding*, a ser posteriormente mais explorada por Lacan. O importante aqui é pensarmos nessa descoberta por parte de Freud da realidade psíquica, que marca já um descompasso entre o psiquismo e a realidade psíquica como ‘espelhamento do mundo’.

O segundo capítulo tratará do texto de 1900 *A interpretação dos sonhos*, de modo a nos aprofundarmos na metapsicologia freudiana. Vamos pensar como Freud sistematizou o

próprio psiquismo, e refletir então na teoria supracitada da apresentação – tudo da pulsão é representável? Se há algo que escapa, qual seria então o trabalho do psiquismo? Ainda no segundo capítulo, utilizaremos a *Interpretação dos sonhos* (1900), para falar de sobre determinação, por um lado, e o umbigo dos sonhos, por outro. Julgamos importante também abordar as considerações sobre o desejo do sonho e a representabilidade, que Freud abordará também neste texto.

7

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Em seguida entraremos, no terceiro capítulo, em *Pulsão e seus destinos* (1915), *O Inconsciente* (1915) e em *Além do princípio do prazer* (1920), ainda acompanhando a teoria freudiana em seus principais pontos, pensando a pulsão em si como um limite à apresentação e como ela opera no inconsciente.

No quarto capítulo, a ideia é pensarmos como se desdobra a questão do manejo das apresentações como ferramenta clínica em três distintos momentos: a) aquele em que a ênfase é a de recordar e preencher lacunas de memória a partir das apresentações deslindadas através das associações verbais; b) aquele em que nos deparamos com a compulsão a repetição, que excede o objetivo de reduzir o material clínico às associações verbais; e, c) aquele que reconhece os limites do próprio tratamento psicanalítico em sua relação com as figuras do limite representacional: ante a impossibilidade de tudo recordar, surge a ferramenta da construção (em substituição à interpretação como ‘desvelar o recalcado’) e a questão do que seria um fim de análise que leve em conta esses limites. Obviamente, não será possível percorrer todos os textos freudianos sobre a técnica psicanalítica, mas tendo em vista o recorte teórico dessa dissertação, escolhemos os seguintes textos: *Recordar, repetir e elaborar* (1913); *Análise terminável e interminável* (1937) e *Construções em análise* (1937).

Se Freud vinha construindo, portanto, um aparelho de ramificações, sujeito ao princípio do prazer, que teria seu desdobramento em princípio de realidade, tanto a resistência quanto a compulsão à repetição denunciaram não se poder recordar de tudo. A técnica analítica ao invés de tentar “preencher as lacunas da memória” passa a tomar outra direção – diante de não se poder lembrar tudo, isso também deixa de ser necessário, uma vez que a clínica avança no sentindo e construir e inventar uma espécie de “solda”, não que tampona uma falta, mas que construa com ela.

2. CAPÍTULO UM

2.1 O Surgimento da clínica psicanalítica e as apresentações

Sigmund Freud (1856-1939) ingressou para o curso de medicina na faculdade de Viena aos dezessete anos de idade. Durante a graduação, se interessou por estudos fisiológicos, se formando em 1881. Segundo Ernest Jones (1989), no primeiro ano de hospital, Freud não demonstrou interesse em continuar suas pesquisas sobre o sistema nervoso, mas em 1883 foi nomeado *Sekundararzt* (assistente médico) novato do setor de Meynert, e então se aproximou de perturbações cerebrais e obteve permissão para trabalhar em seu laboratório. Ainda segundo este autor, o período que ele descreve de Freud como neurologista é de 1883 a 1897 (p. 207).

Freud esperava que esse estudo lhe proporcionasse uma docência e o colocasse em uma posição melhor. Ele estudou por alguns anos doenças nervosas orgânicas, e embora tenha ficado famoso pela precisão de seus diagnósticos, os estudos foram interrompidos por falta de material clínico, em 1885. Freud produziu três artigos nesse período, mas foi a partir da visita de Charcot, que se encontrava no auge da fama, que Freud entrou na seara da então misteriosa histeria. Segundo Jones (1989) “a Sapêtrière podia muito bem ser tida como a Meca dos neurologistas” (p. 215). A atitude empírica de Charcot impressionou Freud, que descrevia suas aulas com grande estima.

Ele se tornou um estudante de Salpêtrère, mas em suas próprias palavras, fora tratado como mais um estudante estrangeiro, até se oferecer para traduzir as *Lessons*, de Charcot. Uma vez aceita a proposta, ele fora admitido também no círculo das relações pessoais do

professor. Ele traduziu as *Novas Conferências sobre as Doenças do Sistema Nervoso, especialmente sobre Histeria* (1886). Jones (p.219) nos diz que, insatisfeito com as condições do laboratório em Salpêtrière, Freud retorna a Viena, quando começa a escrever um pequeno livro intitulado *Introdução à neuropatologia*, livro que nunca foi publicado, tampouco traduzido. A publicação seguinte seria seu livro *Afasia* (1891), que ele dedicará a Breuer.

No entanto, em 1888, Freud faz um estudo que é muito bem narrado por Ernest Jones, onde *diferencia as paralisias orgânicas das histéricas*. Aparentemente, o tema deste artigo foi sugerido por Charcot a Freud em fevereiro de 1886. Ele terminaria o primeiro rascunho só em 1888, seguido por cinco anos de silêncio que só fora rompido em 1893, quando ele anuncia a Fliess que enviaria o artigo no meio daquele ano. Não se sabe o motivo do atraso de tal

9

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

publicação, mas pode ter a ver com o fato de Charcot ter dito que publicaria o resultado da pesquisa de Freud em *Archives de Neurologie*, o que fez duas semanas antes de sua morte.

Esse artigo é um divisor de águas entre os estudos psicológicos e neurológicos de Freud, uma vez que ele e Breuer pareciam já estar começando a trabalhar novas ideias, próximas aos conceitos de recalçamento, ab-reação, princípio de constância; embora nem sempre nomeados como tais, a construção dos conceitos estava ali latente. O período em que Breuer e Freud trabalharam juntos, para Jones, já faz parte de um período denominado “O Período Breuer”, que ele localizara de 1882 a 1894, que, segundo Jones, foi “a aurora do interesse de Freud por psicopatologia” (p. 229) e que acompanharemos aqui a partir do artigo supramencionado.

Antes de entrarmos em tal artigo, no entanto, gostaríamos de frisar aqui o que nos importa do mesmo: a divisão psíquica presentificada pelos fenômenos de conversão, e a incidência de ideias sob uma lógica não restrita à consciência, que parecem implicar os germens da noção freudiana de inconsciente, ainda em processo de distinção com relação ao orgânico. O debate sobre as apresentações (*représentations*, em francês) toma, aqui, ponto central, atravessando todo o texto.

Freud dá início ao texto *Algumas Considerações para um Estudo Comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Histéricas* (1893) contando que Charcot confiou a ele a tarefa de publicizar tais distinções, uma vez que esse estudo talvez pudesse revelar uma melhor visão da natureza das neuroses. Segundo ele, existem dois tipos de paralisia: a paralisia periférico-medular, que é em detalhe (como a paralisia facial, por exemplo), e a paralisia

cerebral que é em massa. Freud propõe o nome *paralisia em projeção* para a *paralisia em detalhe* e para *paralisia em representação* para a *paralisia cerebral* (uma vez que segundo ele ocorre nas fibras representativas).

Na época, nos diz Freud, era atribuída à histeria a capacidade de simular as mais diferentes doenças nervosas orgânicas, ele então questiona se existem paralisias histéricas em projeção e paralisias histéricas em representação. Chega à conclusão de que a paralisia histérica seria um meio termo entre a paralisia em projeção e em representação: “se não possui todas as características de dissociação e delimitação próprias da primeira, está longe de ver-se submetida às leis estritas que regem a segunda – as paralisias cerebrais”. Na histeria, os sintomas de paralisia orgânica aparecem como que fracionados. Ele nos revela que na histeria

10

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

essas paralisias ocorrem como se pudessem ser isoladas, coisa que, se levarmos em consideração o sistema nervoso não seria possível.

O que nos leva a questionar o que seria paralisia na histeria? Além das paralisias, ele nos lembra de que ocorrem também anestésias e distorções. Então, o autor define a paralisia histérica pela *delimitação precisa e intensidade excessiva*. Mais à frente no texto o autor questiona, se há uma diferença entre paralisias orgânicas motoras e histéricas, qual seria a natureza da lesão, na paralisia histérica? Por que ela “desrespeita” a localização ou extensão da lesão ou da anatomia do sistema nervoso? Ele então recupera a noção *charcotiana* de lesão dinâmica; aquela que não se pode encontrar vestígios após a morte. No entanto, é importante frisar que, embora se pareça com ela, “a lesão nas paralisias histéricas deve ser completamente independente da anatomia do sistema nervoso, pois, nas suas paralisias e em outras manifestações, a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta.” (p. 125).

Freud desenvolverá uma linha de pensamento para explicar a afirmação anterior, então passa, em suas próprias palavras, “à área da psicologia para essa explicação”. Ele começa concordando com Janet e afirmando que na paralisia histérica, assim como na anestesia, etc., o que está em questão é a concepção corrente, popular, dos órgãos do corpo em geral. Ou seja, na paralisia histérica a lesão será uma modificação da concepção, da ideia de braço, por exemplo. Mas, que modificação seria essa que paralisa o braço? “A concepção de braço não

consegue entrar em associação com as outras ideias constituintes do ego das quais o corpo da pessoa é parte importante” (p. 126) isso sem que o tecido cerebral seja danificado. O que paralisa é, portanto, uma *apresentação*. Segundo ele “A quantidade de afeto que devotamos à primeira associação de um objeto oferece resistência a que ela entre em uma nova associação com outro objeto e, por conseguinte, torna a ideia do primeiro objeto inacessível à associação.” (p. 126).

Em seguida, ele menciona que a proporção e a persistência dessa paralisia se dão pela quantidade de afeto do mesmo, já que “toda impressão psíquica é revestida de afeto” (p.126). Tanto o órgão paralisado quanto a função abolida estão envolvidos numa associação não consciente que é revestida de uma grande carga de afeto. “Se a pessoa é incapaz de eliminar esse afeto excedente ou se mostra relutante em fazê-lo, a lembrança da impressão passa a ter a importância de um trauma” (p.126). E ele termina o texto dizendo que a impossibilidade de eliminação torna-se evidente quando a impressão permanece no “subconsciente”. O termo

11

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

subconsciente utilizado pelo autor nesse momento, embora denote, já, certa irreducibilidade à consciência, ainda encontra-se distinto da noção psicanalítica de inconsciente, que surge em sua obra mais temporalmente à frente.

Também digno de nota é o fato de Freud ter utilizado o termo francês *représentation* para transmitir as ideias nascidas do encontro com Charcot: neste momento de esboço de ruptura entre a trajetória neurológica e a psíquica, começava a se desenhar a diferenciação entre o que se “representa” neurologicamente em termos de feixes e fibras nervosas e o que se “apresenta” como delegação figurada do corpo ou de uma parte corporal num sentido linguístico e imagético, irreducível à lógica de uma representação ponto por ponto, *strictu sensu*.

Pari passu com esse debate comparativo, o encontro com a escuta da histeria, em detrimento da apresentação mais teatralizada das paralisias por Charcot na *Salpêtrière*, ganhava contornos, bastante mediados pelo contato com Breuer. Freud conheceu Breuer no final da década de 1870, e segundo conta, ambos se tornaram amigos por dividirem os mesmos interesses e pontos de vista. Com efeito, de 1880 a 1882, Breuer tratou de um caso de histeria que se tornou um dos mais conhecidos da história da psicanálise, o caso de Anna O, paciente que manifestara uma série de sintomas relacionados com a doença fatal de seu pai. Durante uma das visitas de Breuer a Anna O., esta relatou os detalhes do primeiro

aparecimento de um sintoma específico, o que, para o espanto de Breuer, fez com que ele desaparecesse. “Percebendo o valor desse procedimento, a paciente prosseguiu com um sintoma depois do outro denominando o procedimento de ‘cura pela fala’ ou ‘limpeza de chaminé’” (JONES, 1989, p. 231).

Como os processos aconteciam com Anna O. no período da noite, Breuer complementou esse procedimento com a indução de uma hipnose artificial todas as manhãs, já que a quantidade de material estava se tornando esmagadora. A esse método deu-se o nome de “catarse”. O caso de Anna O., embora tenha sido para Breuer um tanto traumático, causou muito interesse em Freud, que trabalhou em sua teoria um tempo depois que Breuer saiu do mesmo.

Se Freud tivera, até a pouco grande estima por Charcot, e, talvez conservasse algo da hipótese de uma base neurológica da histeria, advinha uma grande surpresa da constatação de que “os sintomas podiam ser tanto tratados quanto abolidos apenas por ideias” (JONES, 1989,

12

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

p. 235). Em verdade, não parece equivocado afirmar que Freud já pensasse nessa direção há algum tempo, posto que no artigo comparativo entre as paralisias orgânicas e histéricas ele ensaiou conclusões que transcendiam as lesões dinâmicas de Charcot em pró da dimensão psíquica do corpo. Charcot, por sua vez, mesmo que não pudesse aceitar tais ideias, não as contestaria – publicando o artigo sobre a comparação das paralisias na *Archives de Neurologie*.

Podemos pensar que Freud parece estar entrando em outra seara, o que o leva, segundo Jones, para um lugar desconfortável no meio médico. Ora, pensar em igualar, ou até em pôr em evidência elementos psíquicos, era lido como excentricidade em uma época mais positivista. A clínica estava tomando uma frente importante na vida de Freud, que parecia estar cada vez menos aderido, no entanto, do uso terapêutico das sugestões.

[Freud] Estava certo de que havia vários segredos ocultos por trás dos sintomas manifestos, e que sua inquieta imaginação desejava ardorosamente penetrá-los. Mais tarde escreveu que, quando usava o hipnotismo, empregara-o desde o início não apenas para oferecer sugestões terapêuticas, mas também com o propósito de remontar a história do sintoma, ou seja, o método catártico de Breuer. (JONES, 1989, p. 246).

No entanto, Jones questiona a memória de Freud, uma vez que segundo ele, Freud afirma nos *Estudos Sobre a Histeria* (1895) que a primeira vez que usou o método catártico

foi no caso da Srta. Emmy Von N, caso que iniciou o tratamento em maio de 1889, que por fazer parte de uma virada na clínica freudiana, tocar na relação entre apresentações e sintomas, tem algo que pode servir ao nosso estudo.

Freud inicia a parte II dos *Estudos Sobre a Histeria* (1895) trazendo o caso Emmy Von N. Ele coloca em foco a questão da compulsão histérica e relata que os pacientes histéricos estão sujeitos a uma compulsão exercida por ideias ou apresentações (termos que aproximamos na introdução de nossa dissertação) *excessivamente intensas* (p. 265). Uma ideia é passível de surgir na consciência com frequência particular, sem que a passagem dos eventos a justifique. A emergência dessas apresentações acaba por ter como consequência o fato de elas não poderem ser suprimidas e não poderem ser compreendidas (p. 265).

Segundo o autor a diferença das ideias intensas que ocorrem normalmente e as ideias intensas histéricas é que estas são ideias que não teriam consequências em outra pessoa e cuja importância não é fácil de ser compreendida aparecendo para nós como se fossem “intrusas, usurpadoras e, conseqüentemente ridículas” (FREUD, 1895, p. 266).

13

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Ele, então, faz a distinção entre a compulsão da neurose simples e a neurose histérica. Para Freud, aqui é possível separar a ideia em dois momentos: antes e depois da análise:

Antes da análise, A é uma ideia excessivamente intensa que irrompe na consciência com demasiada frequência, provocando a cada vez o pranto. A pessoa não sabe por que chora diante de A; acha absurdo, mas não consegue evitar.

Depois da análise, descobriu-se que existe uma ideia B que, com toda razão, é motivo de pranto, e que com toda razão se repete frequentemente enquanto a pessoa não pratica contra ela uma determinada ação psíquica bastante complicada. O efeito B não é um absurdo; é inteligível para a pessoa e pode até ser combatido por ela. B mantém uma relação particular com A. (FREUD, 1895 [1974], p. 266).

O autor nos dirá que através de uma ocorrência de B+A, faz com que A tome o lugar de B. Se acontece algo incidental (A); B é apropriado para produzir um efeito duradouro. A então é acompanhada de consequências que não parecem adequadas, que não se enquadram nele.

O autor, então, dá o exemplo de como a formação de um símbolo também ocorre normalmente, nos dizendo de como um soldado pode morrer por um farrapo preso a um mastro, porque transformou isso num símbolo de sua pátria, ou seja, sua função simbólica. As histéricas, assim, sofrem não do acontecimento traumático em si, mas de suas reminiscências,

que a amnésia ligada ao sintoma busca, de certa forma, obstaculizar.

Mesmo com a catarse hipnótica de Breuer e com a cura de Anna O., que superou sua amnésia (ela só conseguia falar em inglês, mesmo lendo textos em outros idiomas os lia em inglês, traduzindo-os rapidamente), vinha à tona, ainda que não tão claramente naquela época, uma das contribuições primordiais da psicanálise: a mente manifesta não é toda a mente, há um saber inconsciente. Como estamos vendo, esse nascimento da clínica não foi fácil, nem evidente. A dialética clínica, entretanto, exigiria de Freud ainda mais.

Freud já não era tão adepto da prática hipnótica e teve que se contentar diversas vezes com a técnica da concentração e a pressão na testa (sugestão). Segundo Jones, Freud aprendeu com o caso Emmy von N. que a razão pela qual os efeitos benéficos na sugestão hipnótica são transitórios é que eles são realizados pelo paciente a fim de agradar ao médico, “e por isso estão prontos a desaparecer quando o contato é eliminado” (p. 246). Freud estava aqui sob a influência ainda da teoria do trauma e a ideia de pensamentos incompatíveis para o psiquismo só surgirá três anos depois, como veremos.

Nos anos seguintes Freud abandona cada vez mais os métodos sugestivos e passa a confiar na associação livre, principalmente ao considerar o “deixe-me falar” pelo encontro

14

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

clínico com Elisabeth von R., o que acabou por levá-lo também às análises dos sonhos. Ao ir desvelando o que seriam os “processos primários” do psiquismo (o deslocamento do afeto entre as apresentações de modo a manter a tensão estável), Freud abre o caminho para a interpretação. Citarei Jones (1989) para expressar a importância do momento na teoria Freudiana:

Chegamos agora à importantíssima questão da transição do método catártico para o método da associação livre, ao qual remonta à psicanálise. Foi ao arquitetar o novo método que Freud se pôs em condições de penetrar no reino, anteriormente desconhecido, do inconsciente propriamente dito. (JONES, 1989, p. 247).

Quando os sintomas histéricos surgiram, no entanto, a principal posição adotada pelos autores da “comunicação preliminar” parecia simples: normalmente se uma experiência é acompanhada de uma dose de afeto quantitativamente alta, esse afeto é descarregado em diversos atos reflexos conscientes, ou se desgasta gradativamente pela associação com outros materiais mentais conscientes. Freud aborda isso em outro texto, em época próxima, no caso Emma, que trabalharemos em sequência.

Com pacientes histéricos, no entanto, nenhuma dessas coisas acontece; o afeto permanece num estado “estrangulado” e a lembrança a que está ligado é isolada da consciência. A partir daí, a lembrança afetiva vai se manifestar através dos sintomas histéricos, que seriam uma espécie de “símbolo mnêmico” – símbolos de uma lembrança suprimida.

Existem duas razões principais para explicar esse resultado patológico: uma é que quando ocorreu a experiência o indivíduo se encontrava num estado particular de dissociação mental, ou seja “hipnoide”; a outra é que o Eu do indivíduo considerou essa experiência como sendo incompatível com ele próprio e, portanto, ela teve de ser “rechaçada”. Nos dois casos, no entanto, o método catártico é eficiente porque se a experiência original junto com seu afeto puder ser trazida à consciência, o afeto por si só é descarregado ou “ab-reagido”: a força que até então manteve o sintoma deixa de atuar, e o próprio sintoma desaparece. Uma apresentação, então, se faz sintoma não apenas por seu valor de expressar a inscrição de certo conteúdo em termos de ideia, mas, também, pelas vicissitudes afetivas a ela ligadas.

A necessidade psíquica de se trabalhar sobre a carga afetiva das apresentações é abordada por Freud de uma forma bem particular, como princípio da constância, pelo esforço do aparelho psíquico em manter um nível de excitação o mais constante ou baixo possível.

15

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Para explicar melhor a questão econômica em jogo neste momento, bem como a percepção de que as apresentações, e não as situações vividas, são incompatíveis para o psiquismo, estudaremos o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), onde Freud parece fazer um primeiro esboço de toda sua teoria.

Antes, entretanto, devemos nos lembrar do motivo de seguirmos por esse caminho. Embora aqui Freud faça um percurso no sentido de tentar descrever o aparelho psíquico como uma máquina orgânica de apresentações, memória, percepções, deslocamentos de intensidades e descarga motora, ele se defrontará com três grandes complicadores: 1) o fato de que o valor psíquico das apresentações recalcadas se dá pela lógica de suas combinações, lógica essa que transcende a consciência e é aberta a uma retradução (seu valor é determinado *a posteriori*); 2) a constatação, ao abordar a descarga afetiva ligada ao trabalho sobre a tensão psíquica, de um limite intrínseco a essa tarefa, na análise da experiência de satisfação

(momento miticamente fundante em que a criança, a partir de seu desamparo e do suporte do outro, aplaca sua tensão interna a partir de uma alteração no mundo externo, balizada por um outro que dela cuida), e, 3) a relação cada vez mais flagrante entre o recalçamento, a tensão psíquica, e as apresentações sexuais.

2.2 O caso Emma

Ao introduzir a discussão do caso, Freud nos relembra que o recalçamento histérico se distingue de uma defesa normal. Na defesa normal evitamos pensar em coisas que despertam unicamente desprazer, e o fazemos desviando o pensamento para outras coisas. No entanto, embora consigamos manter essa ideia B longe o suficiente da consciência, conservando-a tão isolada quanto possível, jamais conseguiremos esquecer-la a ponto de esta nunca mais ser reativada por outros fatores, como uma nova percepção, por exemplo.

Na histeria também não podemos evitar esse reavivamento, no entanto, ao invés dessa primeira ideia, uma outra ideia se torna consciente e catexizada. Então, “é a formação simbólica desse tipo estável que constitui a função que ultrapassa a defesa normal” (FREUD 1895 [1980], p. 269).

Segundo o autor, a explicação mais óbvia para essa função aumentada seria de atribuí-la maior intensidade do ato defensivo. Entretanto, ele nos recorda que a experiência mostra *que*

16

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

as lembranças mais penosas que deveriam ser substituídas por símbolos, não podem ser recalçadas. A existência de uma segunda condição da defesa patológica – a sexualidade – também sugere que a explicação deve ser buscada em outra parte. Para ele é impossível supor que os afetos sexuais superem em intensidade a todos os demais afetos desprazerosos, ou seja, deve ser algo próprio dos afetos sexuais. Ele, por fim, traz a suposição de que o mistério poderia residir nesse deslocamento, no entanto, nos lembra da neurose obsessiva e de como existe nela um recalçamento sem a formação de símbolos, como na histeria; o mistério assim segue tendo relação com o próprio recalque.

Partiremos, então, para uma investigação nesse sentido. Freud inicia o capítulo que trará o Caso Emma recordando que a histeria se origina de um determinado movimento de Q (intensidade afetiva ligada à formação simbólica) que provavelmente resulta de um *processo*

primário, uma vez que pode ser demonstrado nos sonhos (p. 270), e que a força ativadora desse processo é uma *defesa* por parte do ego, que desempenha aqui mais que sua função normal.

No entanto, o autor nos lembra de que devemos encontrar uma explicação de por que um *processo do ego* pode acarretar consequências que estamos acostumados a encontrar em processos primários. Isso tudo, nos diz ele, ocorre apenas na esfera sexual, de modo que “talvez tenhamos que explicar o determinante psíquico especial a partir das características naturais da sexualidade” (FREUD, 1895 [1980], p. 270).

Emma procura Freud se queixando de não conseguir entrar em lojas sozinha. Ao explicar para Freud o motivo, ela apresenta uma lembrança da época em que tinha doze anos, pouco depois da puberdade. (cena II) Ela entra em uma loja para comprar algo, vê dois vendedores rindo juntos, e sai correndo, tomada pelo que Freud denomina *afeto de susto*. Posteriormente, acaba recordando que os dois estavam rindo da roupa dela e que um a agradava sexualmente. Esses fragmentos em sua relação, entretanto, são ininteligíveis para o autor, tanto em sua relação como em seus efeitos. Para ele as lembranças despertadas não explicam a compulsão ou o sintoma.

As investigações subsequentes revelaram uma segunda lembrança, que ela negou ter tido em mente na cena I: Aos oito anos de idade Emma esteve em uma confeitaria em duas ocasiões para comprar doces, e na primeira o proprietário agarrou-lhe as partes genitais por cima da roupa. Apesar da experiência, ela voltou uma segunda vez e depois parou de ir. Ela

17

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

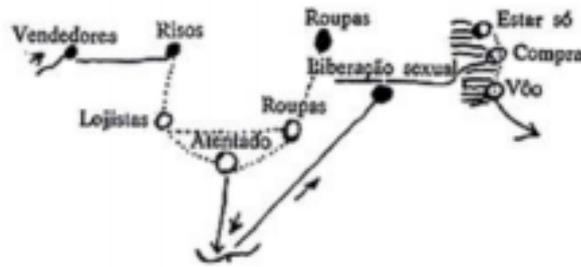
Eduarda Puccini Corrêa da Costa

se recriminava por ter ido uma segunda vez, como se por ter voltado quisesse provocar uma segunda investida.

Freud então revela que podemos entender a cena I se a combinarmos com a cena II. O vínculo é fornecido pelo riso segundo Emma, o riso dos vendedores a fez se lembrar do sorriso com que o proprietário da confeitaria fez sua investida. Outro ponto que faz a ligação é que ela estava novamente sozinha na loja.

Juntamente com o dono da confeitaria, lembrou-se de que ele a agarrara por cima da roupa; de que desde então ela alcançara a puberdade. A lembrança despertou o que ela certamente não era capaz na ocasião, uma liberação sexual, que se transformou em angústia. Diante dessa angústia ela temeu que os vendedores da loja pudessem fazer o mesmo e saiu correndo. (p.271).

Freud faz o seguinte desenho para explicar o que aconteceu:



As ideias em escuro são as percepções que foram lembradas. A liberação sexual também ter entrado na consciência fica, para ele, comprovada pela ideia da atração que ela sentiu pelo vendedor que ria, o que de outro modo seria incompreensível. Se levarmos em conta todos os elementos e processos associativos, o resultado – não ficar sozinha na loja – é perfeitamente racional. No entanto, como nos lembra Freud, nada do processo penetrou na consciência, a não ser o elemento “roupas”; e o pensamento conscientemente operante estabeleceu duas conexões falsas no material à sua disposição: primeiro que eles riram por causa das roupas e segundo que ela havia ficado sexualmente excitada por um dos vendedores.

Os círculos não escurecidos estavam apresentados na consciência por “roupas”, segundo o autor “evidentemente mais inocente” (p. 271). Houve um recalçamento acompanhado pela formação de símbolos. O que chama atenção nesse caso é o fato de que o elemento que

18

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

penetra na consciência não é o que desperta interesse (o atentado), mas outro, na qualidade de símbolo (roupa). No cerne disso estaria, para Freud, a liberação sexual como causa.

Isso está vinculado à lembrança do atentado; mas é altamente digno de nota o fato de que ela [liberação sexual] não se vinculou ao atentado quando esse foi cometido.

Temos aqui um caso em que uma lembrança desperta um afeto que não pôde suscitar quando ocorreu como experiência, porque, nesse entretanto, as mudanças [trazidas] pela puberdade tornaram possível uma compreensão diferente do que era lembrado (p. 271).

Ele nos lembra, então, que o recalçamento é invariavelmente aplicado a apresentações que despertam no ego um afeto de desprazer e, segundo, a ideias provenientes da vida sexual. O afeto penoso aciona o recalçamento. Importante frisar também que esse recalçamento

ocorre por *ação retardada, a posteriori*, o que para Freud, aqui seria em virtude do retardamento da puberdade em comparação com o resto do desenvolvimento do indivíduo.

Ele declara no subitem seguinte que cada adolescente porta traços de memória que só podem ser entendidos com a manifestação de suas próprias sensações sexuais; “todo adolescente traz dentro de si o germe da histeria” (FREUD, 1895 [1980] p. 272). Então nos diz que o que há de perturbador no trauma sexual é a liberação do afeto, sendo para ele, neste momento, tanto o início prematuro da liberação sexual quanto sua insatisfação equivalente, de modo que tal condição fica reduzida a um fator quantitativo.

Passemos adiante para entender melhor: 1) a liberação sexual estaria ligada a uma lembrança e não a uma experiência; 2) a liberação sexual ocorreria prematuramente. As duas ocorrências promovem uma perturbação além do normal, mas que também está potencialmente presente no normal.

A geração de afeto inibe de várias maneiras o curso normal do pensamento. Primeiramente, por várias vias que seriam levadas em conta e que se tornaram, pela tendência a evitar o desprazer, esquecidas. A via recém-estabelecida acaba por sucumbir à via facilitada. Em segundo lugar, o afeto inibe o pensamento no sentido de que, sem que haja nenhum esquecimento, adotam-se vias que geralmente são evitadas, sobretudo as que conduzem a descarga. Para ele, em suma “*o processo afetivo se aproxima do processo primário não inibido*” (FREUD, 1895 [1980], p. 273).

Para ele, aqui, quanto mais intensa é a liberação de desprazer, mais penosa é a tarefa para o ego, que com as catexias laterais só conseguem contrabalançar as Qs até certo limite, estando fadadas a permitir a ocorrência de uma passagem primária (de quantidade). Quando

19

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

um trauma ocorre – a experiência da dor, por exemplo –, os primeiros traumas escapam totalmente ao ego. Através da repetição dessas liberações de desprazer a intensidade vai diminuindo, até que tal intensidade se reduz a um sinal aceitável para o ego.

Para ele o essencial é que A (a ou b?) por ocasião da primeira liberação de desprazer, não ocorra como experiência afetiva póstuma; essa condição é precisamente o que ocorre quando a lembrança é a primeira a motivar a liberação de desprazer, como no caso da *proton pseudos* histérica (primeira mentira).

Na parte III, o autor se aprofundará na tentativa de representar os processos normais. Antes, é importante lembrar que aqui o ego ainda não era uma instância psíquica, como na segunda tópica, mas uma “massa de neurônios” (sic). Ele começa explicando que, se de um lado há o ego e de outro as percepções, é necessário encontrar um mecanismo que induza o ego a seguir as percepções e a influir sobre elas, tal seria o mecanismo da atenção psíquica. Ele então retoma a experiência de satisfação, nos dizendo que:

O anseio implica um estado de tensão no ego e, em consequência disso, a representação do objeto amado (a ideia de desejo) é catexizada. A experiência biológica nos ensina que essa ideia não deve ser tão intensamente catexizada a ponto de se confundir com uma percepção, e que sua descarga deve ser adiada até que da ideia partam indicações de qualidade que comprovem que a ideia agora é real, que é uma catexia perceptiva (FREUD, 1895 [1980] p. 276).

A diferença entre a ideia e a percepção recém-chegada dá origem ao processo do pensamento, que atingirá ao seu fim quando encontrar uma via pela qual as catexias perceptuais supérfluas se converterem em catexias ideativas, obtendo-se a *identidade*.

Daí, para ele a importância da atenção, uma vez que aqui ele acredita na adoção de uma atitude psíquica, já que se não há essa atenção não se produzirá a catexia dos neurônios perceptivos e a Q que os atingiu fluirá na direção das facilitações (FREUD, 1895 [1980] p. 278).

Vários desses pontos se transformarão ao longo da clínica psicanalítica, bem como durante a construção de conceitos e instâncias psíquicas. O importante aqui, no entanto, é perceber como Freud parece já nos mostrar que o sexual guarda uma relação intrínseca com o traumático, o que veremos mais profundamente no tópico subsequente.

2.3 O sexual traumático

Ao se corresponder com Fliess, Freud anuncia, em sua carta datada de 21 de setembro de 1897 (carta 69), quando confidenciou a este um segredo que vinha percebendo nos últimos meses. Ele anuncia: “não acredito mais na minha neurótica”. Seguindo o raciocínio, Freud diz que não precisa explicar o porquê, mas ainda assim o fará e cita quatro motivos para tal afirmação.

O primeiro motivo seria a falta de êxito completo nas análises, apontando os êxitos parciais e a possibilidade de explicá-los de outras maneiras, segundo critérios comuns. O segundo motivo é que em todos os casos o pai seria um perverso, o que dada a quantidade em jogo não seria possível ser realidade, uma vez que a perversão deveria ser muito mais frequente que a histeria. Outro motivo apontado por Freud é de que no inconsciente não há indicações de realidade “de modo que não se consegue distinguir entre a realidade e a ficção que é catexiada como afeto” (FREUD, 1897 [1984], p 58). Por último, ele aponta que na psicose mais profunda a lembrança inconsciente não vem à tona, não sendo revelado o segredo das experiências de infância nem nos delírios mais confusos.

Ele, então, conclui que se o inconsciente nunca supera a resistência do consciente, então também se deve abandonar a ideia de que o inverso aconteça no tratamento. Para além disso, no entanto, o que Freud parece enunciar e que se confirmará posteriormente é a mudança do paradigma de que “o trauma é sexual” para aquele que apreende que há algo traumático no sexual. Quando o autor percebe que não seria possível que todos os pais de todas as histéricas fossem perversos e abusadores e, posteriormente, afirma a supremacia da fantasia no inconsciente sob a realidade, uma vez que o mesmo não faz distinção entre os dois, Freud aponta para algo do desejo sexual ou da sexualidade em si que resiste a se fazer representar.

Ao final de sua carta, o autor afirma que em tal medida foi influenciado, por isso que estava disposto a abandonar tanto a resolução completa de uma neurose quanto o conhecimento de sua etiologia na infância. Afirma então:

Não tenho agora nenhuma idéia do ponto a que cheguei, não obtive uma compreensão teórica do recalamento e de sua inter-relação de forças. Parece que novamente se tomou discutível se são somente as experiências posteriores que estimulam as fantasias, que então retomam à infância; e, com isso, o fator de uma predisposição hereditária recupera uma esfera de influência da qual eu me incumbira de excluí-lo – com a intenção de elucidar amplamente a neurose. (FREUD, 1897 [1984], p.59).

21

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Freud questiona se não estaria em questão um novo conhecimento, pergunta esta que podemos ter alguns vislumbres da resposta nas notas sobre a histeria (1901[1905]), onde ele questiona sobre a persistência na teoria do trauma. Afirma então sobre tais percepções anteriores:

Em 1896, pouco depois da publicação de meus Estudos sobre a Histeria, em

colaboração com o Dr. J. Breuer [1895], pedi a um eminente colega sua opinião sobre a teoria psicológica da histeria ali defendida. Ele respondeu sem rodeios que a considerava uma generalização injustificável de conclusões que poderiam ser corretas para uns poucos casos. Desde então tenho visto inúmeros casos de histeria, ocupando-me de cada um por vários dias, semanas ou anos, e em nenhum deles deixei de descobrir as condições psíquicas postuladas nos Estudos, ou seja, o trauma psíquico, o conflito dos afetos e, como acrescentei em publicações posteriores, a comoção na esfera sexual. Quando se trata de coisas que se tornaram patogênicas por seu afã de ocultar-se, decerto não se deve esperar que o doente vá ao encontro do médico exibi-las, nem tampouco deve este contentar-se com o primeiro “Não” que se oponha às investigações. (FREUD, 1901[1980] p. 70).

Tendo caído a teoria da sedução, o traumático permanece ligado ao sexual, mas não necessariamente a um acontecimento concreto tornado traço de memória. Como trabalhamos na introdução de nossa dissertação, Freud evocara as vicissitudes do aumento de tensão psíquica ligada a uma ‘falha’ no aparelho psíquico: essa ‘máquina’ que retraduz as intensidades percebidas em traços de memória, que são inscritos e traduzidos a partir de parâmetros e lógicas inconscientes e, depois, para o sistema pré-consciente e consciente, falha perante o sexual. Nas neuroses, antes da queda da teoria da sedução, Freud acreditava que o sexual não se traduziria para a consciência pois as experiências sexuais vividas na infância, traduzidas como brincadeiras, com o chegar da puberdade se tornam traumáticas, por revelarem conteúdos sexuais insuportáveis. Com a queda da teoria da sedução, algo do traumático e da dificuldade de tradução entre sistemas continua valendo, mas sem a explicação da sedução. Ou seja, as fantasias e itens mentais ligados ao sexual trazem, em si, algo que resiste a tradução em termos de apresentações e em apresentações acessíveis à consciência.

Se pensarmos o trauma como algo que no psiquismo não encontra tradução possível, conforme descrito por Freud no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), estaríamos falando aqui, então, que há algo de irrepresentável na sexualidade, um impossível em questão. Veremos, ao falarmos da compulsão à repetição e pulsão de morte como se dá a questão da tentativa de ligação para o psiquismo.

Quanto ao *Projeto*, que nos interessa por sistematizar pela primeira vez de forma detalhada a maquinaria psíquica freudiana, Derrida nos diz se tratar de “uma fábula neurológica cujo esquema e cuja intenção [Freud] jamais abandonará” (DERRIDA, 1967 [2002] p. 184). Com efeito, Freud iniciará o projeto dizendo que o objetivo do trabalho “é

prover uma psicologia que seja ciência natural” (Freud, 1895 [1980] p. 403). Uma ciência natural precisa de uma causa material e Freud afirma, então, que “os neurônios devem ser encarados como as partículas materiais” (Freud, 1895 [1980] p. 403) do sistema.

Para tal, tenta conceber uma genealogia do aparelho psíquico. Ora, nos coloca ele, o sistema nervoso surge para livrar o organismo daquilo que o irrita, que o excita. Freud denomina Q à energia que circula pelos neurônios, e cujo princípio de funcionamento seria a inércia, que busca se livrar ou se esvaziar de Q:

Essa descarga representa a função primária do sistema nervoso. Aqui existe espaço para o desenvolvimento de uma função secundária. Pois, entre as vias de descarga, são preferidas e conservadas aquelas que envolvem a cessação do estímulo: fuga do estímulo. (Freud, 1895/1976a, p. 405).

Quando se trata de um estímulo interno, no entanto, é preciso uma ação específica para que tal estímulo cesse. Freud então fará uma divisão entre os neurônios FI (permeáveis) e os PSI (impermeáveis). O psiquismo se constituirá nos neurônios **PSI**, onde uma quantidade Q de energia passará formando uma conexão entre eles, um trilhamento.

2.4 Experiência de satisfação e *Das Ding*

Uma vez feitas considerações sobre como a experiência clínica nos apresenta a passagem do trauma como sexual para o sexual como traumático – percurso este balizado pelo atravessamento de textos que vão desde os *Estudos sobre a histeria*, passando pelo *Projeto* para uma psicologia científica (caso Emma) e pela carta 52 –, podemos constatar sutis deslocamentos. Freud passa a expandir, gradualmente, a noção de sexual cada vez mais no sentido de extrapolar a esfera do genital-erótico e se dirigir progressivamente em direção a sua conceituação como obtenção de prazer como excitação (e descarga pontual de uma tensão ligada a uma zona erógena corporal. Torna-se, assim, apreensível seu interesse em analisar o que ele chamou de experiência primária de satisfação.

No *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud (1985) faz a suposição de que um recém-nascido sentiria uma urgência, como a fome – um excesso de tensão –, por exemplo, o que geraria a necessidade de uma descarga que seria o grito ou o choro. Essa descarga, no

entanto, não geraria alívio, uma vez que a excitação não cessa. É necessária uma alteração no meio ambiente, ou seja, uma ação específica, que só pode se realizar através de uma ajuda alheia (*Fremde hilfe*), frente à situação de desamparo original do sujeito humano, uma vez que a princípio este não pode modificar o ambiente.

Freud (1895 [1980]) nos diz que essa ação específica só se realiza quando a atenção de “uma pessoa experiente” volta-se para o grito da criança. Segundo ele, o grito é a expressão de desamparo dos seres humanos.

A partir dessa intervenção, a criança poderá executar em seu interior a atividade necessária para cessar o estímulo endógeno. Essa totalidade constitui o que Freud chamou de experiência de satisfação. Um dos pontos importantes aqui é a necessidade de um Outro que interprete o grito da criança, transformando-o em uma mensagem, um apelo, o que acaba por introduzir o *infans* no mundo simbólico.

A primeira experiência de satisfação inscreve marcas no aparelho psíquico. Tais imagens-lembranças correspondem à percepção do objeto que causou satisfação e à descarga decorrente da ação específica. Quando esse estado de urgência reaparece, tais memórias são ativadas – o que Freud chamará de impulso do desejo – produzindo algo idêntico a uma percepção, ou seja, uma alucinação. Inevitavelmente ocorrerá um desapontamento.

Importante notar que é a falta do objeto que faz com que aconteça a busca da repetição da satisfação obtida na primeira experiência, sendo essa justamente a mola propulsora para colocar esse aparato mnêmico em trabalho. O objeto encontrado, entretanto, nunca será igual ao objeto procurado, há uma defasagem. Lacan (1959/60 [2008]) menciona que o que encontramos são suas coordenadas de prazer.

Quando o objeto procurado e o encontrado têm uma defasagem, isso coloca em jogo a atividade do pensamento, e a função de juízo vai realizar a análise responsável pela distinção entre o objeto alucinado e o da percepção (complexo mnêmico de imagens-lembrança e complexo de imagens perceptivas respectivamente).

Freud chamará o complexo mnêmico de $a+b$ e o complexo perceptivo de $a+c$. A atividade do juízo tentará encontrar a semelhança, ou seja, reconhecer o objeto enquanto

ausente, uma vez que se trata de um objeto a ser reencontrado.

Ao componente sempre constante Freud dá o nome de neurônio a, *Das Ding* (a Coisa), sendo o elemento b, variável, o atributo da Coisa e, por fim o elemento c seria a marca da não coincidência, da diferença, que colocará o aparelho em trabalho na tentativa de encontrar b. De c se chega a b por uma rede de apresentações (*Vorstellungen*), a trama de conexões e associações entre as representações. *Das Ding* é, então, o elemento que fica fora da rede de representações, entretanto, é em torno dele que ela se organiza.

Das Ding é o que – no ponto inicial, logicamente e da mesma feita cronologicamente, da organização do mundo no psiquismo – se apresenta, e se isola, como o termo de estranho, em torno do qual gira todo o movimento da *Vorstellung* (...). É em torno desse *Das Ding* que roda todo esse processo adaptativo, tão particular no homem visto que o processo simbólico mostra-se aí inexticavelmente tramado (Lacan 2008 [1959/1960], p.76).

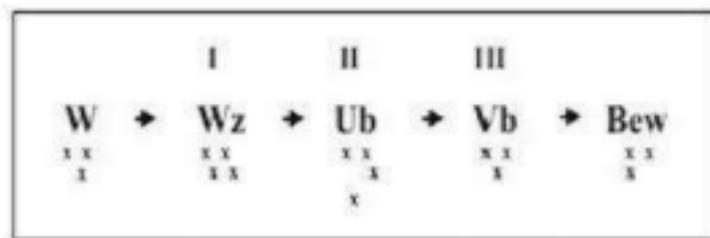
A Coisa é um elemento estranho à cadeia de representações, não podendo ser apreendido por nenhum atributo, mas ao mesmo tempo possibilita que o psiquismo se constitua. Segundo Freud (1895) é o elemento que norteia os processos de juízo e pensamento e é, ao mesmo tempo, o que sobra, o que resta dos processos judicativos, “o que chamamos coisas são resíduos subtraídos ao juízo”. (FREUD, 1985 [1980], p.351).

Freud, ao apresentar *Das Ding*, traz algo que posteriormente será muito trabalhado, inclusive pelos ditos ‘pós freudianos’. Lacan dá grande importância a esse termo, capital para o desenvolvimento de seu conceito de real. Para nosso estudo ele é igualmente importante: *Das Ding* é, no cerne do funcionamento psíquico, um elemento ao mesmo tempo irrepresentável e que move este aparelho, presentificado em suas relações imanentes com os estados de urgência e desejo. Nas palavras de Lacan: “O *Ding* como *Fremde*, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito” (LACAN, 1959-1960 [2008], p. 69).

Lacan (1959-1960 [2008]) realça esta dimensão de algo que resiste a representação, mas que, indiretamente, insiste em se apresentar ao sublinhar que a Coisa (*Das Ding*) o “a” da inscrição do complexo mnêmico freudiano na experiência primária de satisfação “a + b”, é diferente da apresentação-de-coisa (*Sachvortellung*), “b, c, d” – as imagens e apresentações de

equivale, assim, a uma espécie de *Vorstellungsrepräsentanz*, representantes da imagem do objeto ausente, sendo *Das Ding* o em torno do que as apresentações de objeto gravitam, apresentações estas passíveis de se tornarem conscientes ao se ligarem a uma *Wortvorstellung* (representação-de-palavra).

A carta 52 (1895) amplia a noção de memória presente no *Projeto* ao inserir um sistema de ‘retranscrições’ que ele desenhou da seguinte forma: (W) *Wahrnehmungen* são os neurônios nos quais se originam as percepções e aos quais se liga a consciência; não retêm nenhum traço mnêmico do que aconteceu; (Wz) nos signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*) do sistema psi (ψ) acontecem as primeiras inscrições dessas percepções, ainda inacessíveis à consciência e orientadas pelas associações por simultaneidade, aqui ocorre o primeiro registro mnêmico; (Ub) no registro seguinte, nomeado como a inconsciência (*Unbewusstsein*), ocorre a segunda transcrição, ordenada não mais pelas associações por simultaneidade, mas provavelmente por associações de causalidade, também inacessíveis à consciência; (Vb) o último registro citado, denominado de pré-consciência (*Vorbewusstsein*), no qual ocorre a terceira retranscrição ligada a imagens verbais (ligados a representação-palavra), corresponde ao “eu reconhecido como tal”.



Esquema freudiano do modelo tradutivo da memória (Carta 52).

O aparato psíquico passa a ser constituído em diferentes camadas, como uma máquina de escrita. Segundo Antonello & Herzog (2012), isso:

[...] implica que temos: (1) as marcas não ligadas às representações, ou seja, que não sofreram processos de reordenamento, mantendo-se praticamente da mesma forma de quando foram constituídas e (2) os traços que sofreram retranscrições podendo advir à consciência desde que não despertem desprazer, já que fazem parte da cadeia de representações-palavra.

Mais à frente veremos que Lacan utilizará essa carta para localizar o lugar das apresentações. Por hora, é importante frisar esse lugar importante dado por Freud ao que

resiste a se fazer representar, e sua força motora como urgência e desejo, por suas implicações constitutivas e clínicas, são importantes para nosso estudo. Elas também possibilitam entendermos a ruptura cada vez mais marcada de Freud com a concepção do trauma como acontecimento concreto em pró da consideração por um limite intrínseco à realidade psíquica. Tal ruptura, segundo pensamos, se consolida através da tese de que os sonhos, fenômenos psíquicos inconscientes patentes, se mostram preñes de sentido e de como este sentido se liga com a dimensão do desejo, sendo sua realização. Estes elos, com efeito, serão objetos de investigação de nosso próximo capítulo.

3 CAPÍTULO DOIS

No primeiro capítulo, nos dedicamos a mostrar como a passagem do campo psicopatológico experimental médico para o surgimento da clínica psicanalítica se fez em sincronia com o debate sobre a relação entre as apresentações, os sintomas clínicos e sua dinâmica psíquica. Nesse ponto de virada, Freud fez, logo, recurso não à neurologia ou à anatomia patológica, mas às hipóteses que punham em tela a incidência e a dinâmica de elementos psíquicos inconscientes. Ao se aprofundar nessa investigação, Freud se depara com a dimensão sexual, a princípio ligada a um contingente encontro com o traumático, pela via da sedução, contingência esta posteriormente convertida em questionamento acerca de uma necessária impossibilidade de tradução direta pulsional sexual em termos conscientes: a queda da teoria da sedução, a relação entre a montagem das fantasias e o *quantum* libidinal, e esse ponto de opacidade que é *Das Ding* na experiência de satisfação.

Seguindo esta senda, o presente capítulo pretende se aprofundar nisso que do psiquismo desafia o representacional, nas figuras daquilo que o desejo presentifica para o sujeito, no trabalho dos sonhos (atravessado pela condensação, deslocamento, representabilidade, e elaboração secundária), culminando naquilo que não se deixa capturar por esse trabalho, que, para além da “sobredeterminação”, aponta para o que Freud chamou de “umbigo dos sonhos”.

3.1 A interpretação dos sonhos

Ao retomarmos o percurso freudiano, exploraremos, agora, o livro que Freud anunciou ser o livro fundador da psicanálise: *Die Traumdeutung* apareceu pela primeira vez em 1899, segundo sublinhou o fundador da psicanálise em seu segundo artigo sobre Joseph Popper (1932). Tanto *A Interpretação dos sonhos* (1900) quanto os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) são textos que Freud manteve sistematicamente atualizados.

Jones (1989) expõe que talvez essa seja a obra pela qual Freud será mais duradouramente lembrado; como o próprio Freud diz em seu prefácio à edição inglesa: “uma percepção como essa ocorre apenas uma vez na vida”. No entanto, podemos questionar a que percepção Freud estava se referindo?

O trabalho principal da obra consiste na investigação da vida onírica, contudo, em uma análise mais atenta, torna-se evidente o quanto o livro se faz muito mais abrangente, explicitando, ali, uma primeira grande sistematização da estrutura do aparelho psíquico. Sobre essa via mestra que é o sonho, em suas relações com o inconsciente psíquico, Jones (1989) ainda nos conta que Freud curiosamente sempre se interessou pelo assunto, por sonhar demais, desde a infância, e por fazer transcrições destes sonhos.

Todavia, como disséramos há pouco, devemos focar no que concerne ao nosso estudo. Freud já havia feito a importante distinção de dois processos mentais que ele chamará de primário e secundário, no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), obra não publicada por Freud em vida. Freud, aqui, observará que o processo primário domina a vida onírica e explica isso pela relativa quietude da atividade egoica (JONES, 1989, p. 356). Esse caráter alucinatório dos sonhos que é aceito pela consciência onírica, ou seja, uma “regressão” que se constitui a partir da suspensão da atividade motora e um afrouxamento da crítica e dos imperativos da razão clássica promovendo uma regressão dos traços mnêmicos aos processos de percepção.

A dinâmica do então recém-descoberto inconsciente começa aos poucos a se desvelar e ser analisado, ou melhor, sistematizado, por Freud. Para extrair conceitos-chave deste livro, escolhemos nos ater aos capítulos VI e VII mais especificamente.

No capítulo VI, intitulado ‘O trabalho do sonho’, Freud inicia dizendo que as tentativas feitas de solucionar o problema dos sonhos têm lidado com seu conteúdo *manifesto*. As interpretações todas foram no sentido de formar um juízo a partir disso. Freud leva algo mais em conta: o conteúdo *latente* – ou o ‘pensamento do sonho’. Segundo o autor, é só a partir desse pensamento do sonho que se pode depreender seu sentido.

Para ele o pensamento do sonho e o conteúdo do sonho nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes. Este é como uma transcrição do pensamento onírico em outro modo de expressão “cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução” (p. 189). O conteúdo do sonho, por outro lado, vem em uma escrita pictográfica, cujos caracteres devem ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos do sonho. Devemos ler, portanto, de acordo com sua relação “simbólica”, no que uma ideia remete a outra a partir de uma lógica intrínseca ao sonho, para não cairmos no erro.

Ao comparar o conteúdo dos sonhos com os pensamentos oníricos é possível perceber que ali se efetuou um trabalho de condensação em larga escala, ou seja, um conteúdo pode estar repleto de pensamentos. Nunca se pode ter certeza de que um sonho foi completamente interpretado – como veremos no subitem a seguir –, mas como nos revela o autor, é impossível determinar o volume de condensação. Segundo Freud o sonho que recordamos ao acordar é só um remanescente fragmentário de todo o trabalho do sonho.

Há, portanto, um imenso número de associações produzidas na análise para cada elemento individual do conteúdo de um sonho. O autor questiona então se podemos inserir no pensamento do sonho todas as associações subsequentes a este, ou seja, se todos esses pensamentos já estavam ativos durante o estado de sono e desempenharam algum papel na formação deste. Ele diz que embora algumas cadeias de ideias surjam pela primeira vez durante a análise, *essas ligações só se estabelecem entre ideias que já estavam ligadas de alguma forma no pensamento dos sonhos*. “As novas ligações são, por assim dizer, circuitos fechados ou curtos-circuitos possibilitados pela existência de outras vias de ligação mais profundas” (p.191). Freud inicia então uma extensa coletânea de exemplos de condensação nos sonhos, sendo o primeiro deles *O sonho da monografia de botânica* onde ele havia escrito uma monografia sobre um gênero não especificado de plantas, que continha um espécime seco da planta encadernado. Ele se percebe fazendo cadeias associativas em que a ‘monografia de botânica’ do sonho revela uma ‘entidade intermediária comum’ entre duas experiências vividas da véspera e que fora ligada ao acontecimento psiquicamente significativo por “abundantes conexões associativas” (p. 192). Freud coloca também que:

O trabalho de condensação nos sonhos é visto com máxima clareza ao lidar com palavras e nomes. É verdade, em geral, que as palavras são frequentemente tratadas, nos sonhos, como se fossem coisas, e por essa razão tendem a se combinar exatamente do mesmo modo que as representações de coisas. Os sonhos desse tipo oferecem os mais divertidos e curiosos neologismos. (FREUD, 1900, p. 201).

Cada palavra parece conter suas cadeias associativas próprias que traz além de um condensado de pensamentos oníricos outros pontos que parecem não estar no sonho. Posteriormente ele trará essa outra dinâmica do psiquismo: o deslocamento. Assim como o conteúdo manifesto do sonho não desempenha o mesmo papel do pensamento do sonho, também a essência dos pensamentos do sonho não precisa ser representado no sonho. “O sonho tem, por assim dizer, uma centração diferente dos pensamentos oníricos – seu conteúdo

tem elementos diferentes como ponto central.” (p.207).

30

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Para exemplificar, Freud recorre novamente ao sonho da monografia de botânica que utilizara anteriormente para falar sobre o processo condensatório. Ao passo que o elemento botânica parece ser o ponto central, o pensamento do sonho trata de complicações e conflitos que surgem entre colegas por suas obrigações. Houve um deslocamento dessa ideia central. Ele ainda nos explica que o elemento botânica, se tiver ligação com esse núcleo será por antítese, ou seja, jamais figuraria entre seus estudos favoritos. Um elemento pode ser ampliado de forma a ficar ‘maior’ que o resto do sonho. A relação entre o pensamento do sonho e o conteúdo do sonho é inteiramente variável em sentido ou direção e destina-se a princípio a causar espanto. Freud fará uma relação com os processos psíquicos em vigília:

Ao considerarmos um processo psíquico na vida normal e verificarmos que uma de suas várias representações integrantes foi destacada das demais e adquiriu um grau especial de nitidez na consciência, costumamos encarar esse efeito como prova de que uma dose especialmente elevada de valor psíquico – um grau particular de interesse – está ligada a essa representação predominante. (FREUD, 1900, p. 208).

Nos diferentes elementos dos pensamentos do sonho esse valor ou não existe ou não é considerado no processo de formação do sonho. Esses elementos, carregados de intenso interesse, podem ser tratados como se tivessem um valor reduzido, o que à primeira vista pode parecer que nenhuma atenção é dispensada à intensidade psíquica das várias representações ao fazer uma escolha por uma delas para o sonho, e como se o que fosse levado em consideração correspondesse ao maior ou menor grau e multiplicidade de sua determinação. “O que aparece nos sonhos, poderíamos supor, não é o que é importante nos pensamentos dos sonhos, mas o que nele ocorre repetidas vezes” (p.208). No entanto, ele nos alerta, em seguida, que as representações mais importantes entre os pensamentos do sono serão as que com mais frequência ocorrem neles, já que os diferentes pensamentos oníricos delas *se irradiarão*. Além de ser possível um sonho rejeitar elementos altamente enfatizados em si próprios, reforçados a partir de muitas direções, selecionar para seu conteúdo outros elementos que possuam apenas o segundo desses atributos.

Ele assevera que:

Parece plausível supor que, no trabalho do sonho, está em ação uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos com alto valor psíquico de sua intensidade, e, por outro, por meio da sobredeterminação, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores, que depois penetram no conteúdo do sonho. Assim

sendo, ocorrem uma transferência e deslocamento de intensidade psíquicas no processo de formação do sonho, e é como resultado destes que se verifica a diferença entre o texto do conteúdo do sonho e o dos pensamentos do sonho. O processo que estamos aqui presumindo é nada menos do que a parcela essencial do trabalho do sonho, merecendo ser descrito como o “deslocamento do sonho”. O

31

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

deslocamento do sonho e a condensação do sonho são os dois fatores dominantes a cuja atividade podemos, em essência, atribuir a forma assumida pelos sonhos. (FREUD, 1900 [1980], p. 209).

Segundo Garcia-Roza (1993 [2000]) a sobredeterminação (*Überdeterminierung*), atinge tanto o sonho como um todo, como seus elementos considerados isoladamente – num único sonho reúnem-se várias realizações de desejo. Essas séries que se recobrem formam uma trama com inúmeros pontos de entrecruzamento denominados por Freud de *pontos nodais* (*Knotenpunkte*). A sobredeterminação diz respeito à relação do conteúdo manifesto com os pensamentos latentes; os elementos do pensamento latente que estão associados ao conteúdo manifesto não precisam estar relacionados entre si, podendo pertencer às mais diversas regiões da textura os pensamentos latentes. Ainda, segundo este autor, isso já estava presente nos *Estudos sobre a histeria* (1985), quando Freud afirmava que a gênese das neuroses é sobredeterminada; há um determinismo múltiplo na origem do sintoma.

Retomando o texto freudiano, a consequência disso é uma distorção do desejo do sonho que existe no inconsciente, que o autor nos lembra de já estarmos familiarizados a partir da censura e que o deslocamento se dá também por uma *defesa endopsíquica*, que deve ser levada em consideração na interpretação de um sonho.

Dada essa conclusão, Freud passará para *Os meios de representação nos sonhos*. Ele iniciará esse subitem com os processos envolvidos na efetivação da interpretação de um sonho. O material que surge na interpretação não é todo do mesmo valor, parte é composta por pensamentos oníricos essenciais (que substituiriam completamente o sonho, se não houvesse a censura), não se pode sustentar que a outra parte do material, de menor importância, tem participação na formação do sonho, mas ao contrário, deve haver entre eles associações que se relacionem com os acontecimentos ocorridos depois do sonho, entre os momentos do sonho e da interpretação. “Essa parte do material inclui todas as vias de ligação que levaram do conteúdo manifesto do sonho aos pensamentos latentes do sonho, bem como as associações intermediárias e de ligação por meio das quais, no decorrer do processo de interpretação, chegamos a descobrir essas vias de ligação” (FREUD, 1900 [1980] p. 211).

O interesse, no entanto, são os pensamentos oníricos essenciais que irão emergir como um complexo de ideias e lembranças de uma estrutura com todos os atributos das cadeias de ideias que nos são familiares da vida de vigília. Cada cadeia de ideias é – quase invariavelmente – acompanhada por sua contraparte antitética.

32

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Ele menciona que as diversas porções dessa estrutura mantêm diferentes relações lógicas entre si. Quando a massa inteira desses pensamentos é submetida ao trabalho do sonho e seus elementos são revolvidos, transformados em fragmentos e aglutinados, a questão que surge é o que acontece com as conexões lógicas que até então formavam suas estruturas? Que representação os sonhos fornecem para as conjunções sem as quais não é possível entender a frase?

Num primeiro momento, nossa resposta deve ser que os sonhos não têm a seu dispor meios de representar essas relações lógicas entre os pensamentos do sonho. Em sua maioria, os sonhos desprezam todas essas conjunções, e é só o conteúdo substantivo dos pensamentos do sonho que eles dominam e manipulam. A restauração dos vínculos que o trabalho do sonho destruiu é uma tarefa que tem de ser executada pelo processo interpretativo. (FREUD, 1900 [1980], p 211).

A atividade de pensamento não é, portanto, produzida pelos pensamentos do sonho, mas pelo próprio sonho, depois de já ter sido concluído, em um certo sentido. As relações lógicas entre os pensamentos oníricos, aqui, não recebem nenhuma representação isolada nos sonhos. Por exemplo, quando ocorre uma contradição num sonho ela pode corresponder a uma contradição entre os pensamentos do sonho de maneira extremamente indireta. Mas enquanto alguns sonhos levam em consideração a relação lógica entre seus elementos, outros podem desprezar completamente essa sequência lógica.

Se há uma sequência lógica por trás desses elementos, de que meios dispõe o sonho para representá-los? Freud tentará enumerar todos eles, e para nosso estudo interessa acompanhar essas formas de representar do inconsciente. Eles reproduzem a ligação lógica pela simultaneidade no tempo “Nesse aspecto, agem como o pintor que, num quadro da Escola de Atenas ou do Parnaso, representa num único grupo todos os filósofos ou todos os poetas” (FREUD, 1900[1980], p 213), sendo reunidos num mesmo grupo conceitual, que denuncia partes mais ou menos estreitamente ligadas.

Para representar as *relações causais* o sonho pode apresentar dois sonhos, sendo o mais

extenso a oração principal e o menos extenso a oração subordinada, de forma que tal sequência denuncie a relação ‘uma vez que isso foi assim, então tal e tal coisa estava fadado a acontecer’. Entretanto, não necessariamente a divisão do sonho em duas partes desiguais significa que haja uma relação causal entre elas, às vezes é o mesmo material de diferentes pontos de vista. Outra forma de representar uma relação causal consiste na transformação de uma imagem do sonho, seja ela de pessoa ou coisa, em outra – diante dos olhos. Ambas as

33

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

formas de representar a causação se encontram em uma sequência temporal: ou sequência de sonhos ou transformação direta de uma coisa em outra.

A alternativa “ou...ou”, por sua vez, não pode ser expressa em sonhos. Ele alega que quando o narrador se sente inclinado a usar a alternativa, a direção correta é uma simples adição. Por exemplo: “‘era ou um jardim ou uma sala de estar’ –, o que estava presente nos pensamentos do sonho não era uma alternativa, e sim um ‘e’” (FREUD, 1900 [1980], p. 215). A maneira como os sonhos tratam a categoria dos contrários e contraditórios é interessante, porque é inexistente: “o não parece não existir no que diz respeito aos sonhos. Eles mostram uma preferência particular por combinar os contrários numa unidade ou por representá-los como uma só coisa” (FREUD, 1900 [1980], p. 215), embora o contraste ou contradição possa estar presente em uma identificação, como veremos mais à frente.

Segundo ele apenas a relação lógica de *semelhança* é favorecida na formação do sonho, ele nos expõe ainda que ela, assim como a consonância e a posse de atributos comuns, são representados pelo processo de unificação, sendo tanto a identificação (para pessoas) como a composição (para coisas, embora possa também acontecer com pessoas) o que aparecerá no sonho. Na identificação apenas uma das figuras ligadas aparecerá na estrutura do sonho, enquanto na composição pode surgir uma figura com nome de outra, ou estar no lugar de outra, etc.

Mas o elemento comum que justifica ou causa a combinação das duas pessoas pode estar representado no sonho ou omitido nele, sendo esse processo, em geral, para evitar a representação do elemento comum.

[...] a identificação ou a produção de figuras compostas serve a várias finalidades nos sonhos: em primeiro lugar, para representar um elemento comum a duas pessoas, em segundo, para representar um elemento comum deslocado, e, em terceiro, também para expressar um elemento comum meramente imaginário.

Desejar que duas pessoas tivessem um elemento comum trocado pode fazer também com que um elemento apareça no lugar de outro. Freud introduz novamente a questão do desejo, que ele aprofundará mais à frente. Antes ele então frisa que os sonhos são sempre egoístas e que embora se sonhe com outra pessoa o ego estará sempre oculto, por identificação, no contexto. Aqui o contrário pode existir, através da afirmação “justamente o contrário” ou “pelo contrário” que penetra no sonho como um chiste. Ele diz que a inversão ou transformação de uma coisa em seu oposto é bem favorecida pelo trabalho do sonho e

34

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

“serve para dar expressão à realização de um desejo em referência a algum elemento específico dos pensamentos do sonho. ‘Ah, se ao menos tivesse sido ao contrário!’” (FREUD, 1900 [1980], p. 222).

A *inversão cronológica* também pode dificultar bastante na compreensão de um sonho, quando a conclusão de uma cadeia de ideias vem no início do mesmo. Em alguns casos, só é possível chegar ao sentido do sonho depois de diversas inversões, sob vários aspectos. Ele usará assim uma citação de Jung para sugerir que a censura manterá o complexo à distância o maior tempo possível, através de encobridores simbólicos, deslocamentos, disfarces inocentes, etc.

É importante lembrar que aqui a questão do sonho como a realização de um desejo é um norte do trabalho freudiano, ao analisar sonhos onde há uma espécie de paralisia ou não execução, vem como uma sensação, mais que uma situação, representa neste momento um conflito da vontade.

Freud entrará, portanto, na ‘*consideração à representabilidade*’. Antes, fizemos um percurso sobre como os sonhos representam as relações entre os pensamentos oníricos, bem como pelas modificações por que passa o material do pensamento do sonho para a formação do mesmo (condensação e deslocamento). Os deslocamentos vistos até então se tratavam de uma substituição de alguma representação particular por outra associada a ela em algum aspecto e utilizados para facilitar a condensação – em vez de dois elementos um intermediário se soma a dois elementos a serem condensados na lógica do sonho, tornando possível a tradução do desejo do sonho em elementos manifestos que burlam a censura.

A análise, entretanto, demonstra haver outro tipo de deslocamento, que se revela na

mudança de uma *expressão verbal* dos pensamentos em causa.

Em ambos os casos, há um deslocamento ao longo de uma cadeia de associações; mas um processo de tal natureza pode ocorrer em várias esferas psíquicas, e o resultado do deslocamento pode ser, num caso, a substituição de um elemento por outro, enquanto o resultado em outro caso pode ser o de um elemento isolado ter sua forma verbal substituída por outra. (FREUD, 1900[1980], p. 23).

A direção tomada pelo deslocamento geralmente resulta no fato de uma expressão que no pensamento onírico é insípida e abstrata, é ser trocada por uma expressão pictórica e concreta. A vantagem e o objetivo da troca se dão pelo fato de que uma coisa pictórica é passível *de ser representada*. E não só por isso, mas também por favorecer a condensação e o

35

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

deslocamento, uma vez que termos concretos são mais ricos em associações do que conceituais. Ele diz que:

Em alguns casos, esse tipo de mudança de expressão ajuda a condensação onírica ainda mais diretamente, descobrindo uma forma de palavras que, devido a sua ambigüidade, seja capaz de dar expressão a mais de um dos pensamentos do sonho. Dessa maneira, todo o campo do chiste verbal é posto à disposição do trabalho do sonho. Não há por que nos surpreendermos com o papel desempenhado pelas palavras na formação dos sonhos. As palavras, por serem o ponto nodal de numerosas representações, podem ser consideradas como predestinadas à ambigüidade; e as neuroses (por exemplo, na estruturação de obsessões e fobias), não menos do que os sonhos, servem-se à vontade das vantagens assim oferecidas pelas palavras para fins de condensação e disfarce. (FREUD, 1900 [1980b], p. 34).

Com efeito, é importante lembrar que essas produções do trabalho do sonho não são feitas com a intenção de serem entendidas; sua relação com a censura é a de manifestar o desejo do sonho de forma disfarçada. O que aqui podemos pensar se assemelha com o trabalho poético, que também não visa à plena compreensão, encontra seu sentido em um lugar que desafia o senso comumente compartilhado. Ao analisar mais alguns sonhos para exemplificar o trabalho de sua formação, Freud desenvolve ainda mais esse terceiro – ao lado da condensação e do deslocamento – que é a consideração pela representabilidade: o material psíquico que os sonhos se utilizam são, majoritariamente, imagens visuais. Dentre os vários pensamentos parece haver uma preferência àqueles que admitem representação visual.

Tal constatação nos leva ao subitem seguinte que trata da ‘representação por símbolos nos sonhos – outros sonhos típicos’, em que Freud revela se tratar na representação por símbolos de um dos métodos indiretos de representação. Em diversos casos o elemento comum entre um símbolo e o que ele representa é óbvio, em outros, encontra-se oculto e a

escolha do símbolo pode parecer enigmática. Algumas coisas que estão ligadas simbolicamente são muito antigas e têm sua ligação feita por uma identidade conceitual ou linguística, os sonhos se valem desse simbolismo para a representação disfarçada de seus pensamentos latentes. Embora muitos símbolos sejam empregados para expressar a mesma coisa, não podemos esquecer a plasticidade peculiar do material psíquico, que faz com que muitas vezes um símbolo deva ser interpretado em seu sentido próprio e não de forma analógica a seu significado mais usual. Por outro lado, algo genérico pode funcionar como um símbolo sexual para determinada pessoa, por exemplo. Freud trará, até o final do subitem, sonhos cujos símbolos parecem se repetir em significação, bem como sonhos que trazem números, etc. No subitem seguinte, ele tratará de sonhos absurdos, que segundo afirma, tão logo são interpretados, deixam de ser absurdos:

36

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

[...] solucionei o problema do absurdo nos sonhos, demonstrando que os pensamentos oníricos nunca são absurdos - nunca, pelo menos, nos sonhos das pessoas sadias - e que o trabalho do sonho produz sonhos absurdos e sonhos que contêm elementos absurdos isolados quando se depara com a necessidade de representar alguma crítica, ridicularização ou escárnio que possa estar presente nos pensamentos oníricos. Minha tarefa seguinte é mostrar que o trabalho do sonho não consiste em nada além de uma combinação dos três fatores que já mencionei [...]. (FREUD, 1900 [1980b], p. 72).

Ele afirma que há ainda um quarto fator – que ele explorará mais adiante – que tem por função traduzir os pensamentos oníricos de acordo com as quatro condições a que está sujeito. Cabe ressaltar aqui que há processos que aparecem no sonho e já estavam presentes no pensamento do sonho. O subitem G tratará dos afetos nos sonhos que concerne de modo interessante ao nosso estudo: nos sonhos, os afetos experimentos não são diferentes dos sentidos em estado de vigília “e os sonhos insistem com maior energia em seu direito de serem incluídos entre nossas experiências anímicas reais no tocante a sua parte afetiva do que em relação a seu conteúdo de representações” (FREUD, 1900 [1980b], p. 83). No estado de vigília isso não é possível já que não se pode fazer a avaliação de um afeto a menos que este venha vinculado a uma representação. Nos sonhos o conteúdo da representação não se faz acompanhar pelas consequências afetivas, que pensaríamos estarem invariavelmente conectadas. Mas o oposto também pode acontecer, podemos sentir uma carga enorme de afeto com algo que parece sem importância. Tal enigma desaparece assim que passamos para o conteúdo latente do sonho.

A análise nos mostra que o material de representações passou por deslocamentos e substituições, ao passo que os afetos permaneceram inalterados. Não é de admirar que o material de representações que foi modificado pela distorção onírica, já não

seja compatível com o afeto, que é retido sem modificação; tampouco resta qualquer coisa que cause surpresa depois que a análise recoloca o material certo em sua posição anterior. (FREUD, 1900 [1980b], p. 83).

Se um complexo psíquico está sob a influência da censura, os afetos são o componente menos influenciado, o que pode indicar como preencher os pensamentos que faltam. Ele faz uma relação com as psiconeuroses, quando um afeto parece estar certo quanto ao assunto, mas não quanto à intensidade.

No último subitem ele trará o quarto dos fatores implicados na formação dos sonhos: a elaboração secundária. Freud nos diz anteriormente que os sentimentos ruins que uma pessoa tem em relação ao próprio sonho não dizem respeito a ele, mas aos conteúdos que foram utilizados para a constituição do mesmo. Entretanto, nem todo conteúdo se presta a essa explicação; “seu correlato no material dos pensamentos oníricos não se encontra em parte

37

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

alguma” (FREUD, 1900 [1980b], p. 102). Ele dá o exemplo de quando estamos sonhando e pensamos “isso é só um sonho”, que faz com que diminua a censura a ponto de podermos continuar sonhando. Nem tudo que compõe um sonho são pensamentos oníricos, portanto. Pode haver contribuições para seu conteúdo advindas de uma função psíquica que é indistinguível de nossos pensamentos de vigília (FREUD, 1900 [1980b], p.103).

* * *

Ao prosseguimos em nossa incursão pelo debate sobre a apresentação e seus limites e possibilidades na *Traumdeutung*, encontramos, no capítulo VII do primeiro livro da obra, outros pontos importantes para nosso estudo. Os mecanismos de funcionamento do aparelho psíquico como um todo e, principalmente, como eles se dão no âmbito representacional, assim como sua relação com o desejo do sonho. No início do capítulo VII, Freud já nos adverte que se no percurso do capítulo anterior ocorreu um movimento no sentido de esclarecer questões o mesmo não acontece aqui, onde segundo ele “os caminhos terminam na escuridão” (FREUD, 1900 [1980b], p.116). Ele nos lembra de que nem mesmo partindo da mais minuciosa investigação dos sonhos ou de qualquer função psíquica, tomada de forma isolada, pode se chegar a conclusões sobre a construção e os métodos de funcionamento do instrumento

anímico, ou pelo menos, prová-los integralmente.

Nesta parte da obra, o primeiro tópico abordado por Freud é o “esquecimento dos sonhos”, onde ele traz a questão de que embora nos lembremos do sonho, há uma “infidelidade da memória” (FREUD, 1900 [1980b], p.117) e que a memória do sonho não só é fragmentada, mas positivamente inexata e falseada. Ele nos diz que isso se deve também a elaboração secundária, que a distorce.

Freud afirma que se autores anteriores supunham que tal modificação era arbitrária e, portanto, não admitiriam maior análise, nós devemos pensar em outro sentido. Exemplifica: “posso tentar pensar arbitrariamente num número, mas isso é impossível: o número que me ocorre é inequívoca e necessariamente determinado por pensamentos que hajam em mim, ainda que estejam distantes de minha intenção imediata” (p. 119). Freud alega que a extensão de tal esquecimento é superestimada, portanto.

38

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Entrando, na questão da clínica, ele nos adverte que tudo aquilo que interrompe o trabalho de uma análise se trata de uma resistência, e que as lacunas no sonho não limitam nosso conhecimento dele. É possível no decorrer da análise fazer um resgate ao que fora esquecido, entretanto, devemos prevenir que não é possível interpretar todos os sonhos, pois além das forças psíquicas de que já tratamos, ainda existe um ponto de um certo “impossível” que trataremos no subitem seguinte – o “umbigo do sonho”.

É sabido que além de não recordarmos todo o sonho em vigília ainda vamos esquecendo dele aos poucos, no decorrer do dia, assim como apesar da resistência podemos lembrar o sonho de qualquer forma? A resposta de Freud é que a resistência perde sua força durante o sono e concomitantemente ocorre uma evitação da censura.

Antes de dar sequência e explicar o porquê disso ocorre, ele interrompe seu pensamento para responder a algumas objeções ao método da interpretação dos sonhos e sua resposta serve também ao nosso estudo. O procedimento consiste em abandonar as representações meta que em geral dirigem a reflexão, e focar a atenção em um único elemento do sonho tomando nota de todos os pensamentos que livremente surgem a partir desse elemento, para se chegar, então, aos pensamentos oníricos. Se tal cadeia é interrompida, parte-se para um outro elemento de forma que essas cadeias vão se estreitando até chegar nos pensamentos oníricos.

A crítica é que tal processo é arbitrário, podendo levar à ilusão. Ele, portanto, nos diz que:

Ocorre que é demonstravelmente inverídico que estejamos sendo arrastados por uma corrente de representações sem meta alguma quando, no processo de interpretar um sonho, abandonamos a reflexão e deixamos que emergjam representações involuntárias. Pode-se demonstrar que a única coisa de que conseguimos libertar-nos são as representações-meta que nos são conhecidas; mal fazemos isso, as representações-meta desconhecidas - ou, como dizemos sem precisão, “inconscientes” – assumem o comando e, daí por diante, determinam o curso das representações involuntárias. Nenhuma influência que possamos exercer sobre nossos processos anímicos nos facultará pensar sem representações-meta, nem tenho conhecimento de qualquer estado de confusão psíquica que seja capaz de fazê-lo. (FREUD, 1900 [1980b], p.127).

Então, nos diz ele, quando as representações-meta (*Zielvorstellung*) são abandonadas, são as representações-meta ocultas que irão assumir o controle do curso das associações. À frente veremos como o método da associação livre se presta justamente pelo que Freud afirma ao trazer esta ordem inconsciente representacional.

39

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

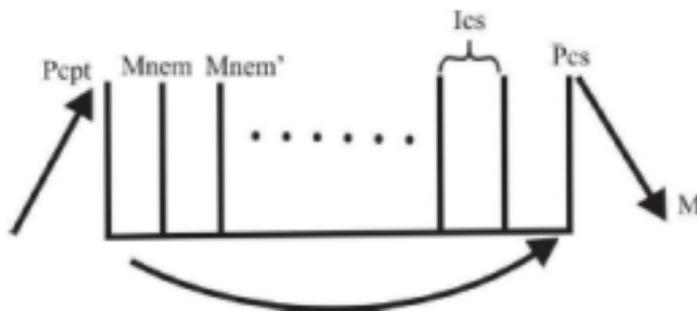
Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Ele termina por dizer que sempre que há uma ligação entre um elemento psíquico e outro superficial, há também um vínculo legítimo e mais profundo que está submetido à resistência da censura, e que a razão do predomínio das associações superficiais não está no abandono das representações meta, mas sim na pressão da censura. As associações superficiais **substituem** – por deslocamento – as profundas. Ele finaliza:

Quando instruo um paciente a abandonar qualquer tipo de reflexão e me dizer tudo o que lhe vier à cabeça, estou confiando firmemente na premissa de que ele não conseguirá abandonar as representações-meta inerentes ao tratamento, e sinto-me justificado para inferir que o que se afigura como as coisas mais inocentes e arbitrarias que ele me conta está de fato relacionado com sua enfermidade. (FREUD, 1900 [1980b], p. 129).

Freud passa ao ponto seguinte com a questão de porque os sonhos aparecem como uma experiência de vivência em sua maioria. No decorrer de sua explanação sobre o assunto ele traz Fechner que expressa a ideia de que a “cena de ação dos sonhos é diferente da cena da vida representacional em vigília” (FREUD, 1900 [1980b], p.132), e diz que o que está em jogo aqui é uma localização psíquica, que ele dará o nome de *instâncias* ou *sistemas*. A primeira coisa que ele diz ser relevante é que há um sentido ou direção no aparelho psíquico. Toda nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos e externos) e termina em

inervações, Freud nos apresentará o primeiro modelo do aparelho psíquico, composto por uma extremidade perceptual e uma motora, vejamos:



Em nosso aparelho psíquico permanece um traço das percepções que incidem sobre ele, que Freud dará o nome de traços mnêmicos, e a função que com ele se relaciona de memória. Há um sistema na parte frontal do aparelho que recebe os traços perceptivos, mas não preserva nenhum traço deles e por trás deste um sistema que transforma as excitações momentâneas do primeiro em traços permanentes.

40

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Retemos, no entanto, algo mais que o simples conteúdo das percepções que incidem sobre o sistema *Pcpt*. Nossas percepções acham-se mutuamente ligadas em nossa memória – primeiramente –, segundo a simultaneidade de sua ocorrência, a qual se dá o nome de associação. A base da associação está, portanto, nos sistemas mnêmicos, o que se dá da seguinte forma: em decorrência de uma diminuição das resistências e do estabelecimento de vias de facilitação, a excitação é transmitida de um elemento mnêm para um segundo, e para um terceiro. Ele expõe que podemos supor a existência de diversos desses elementos e que uma única excitação, transmitida pelos *Pcpt.*, deixa fixada uma variedade de registros diferentes – como o registro da associação por *simultaneidade temporal*, por exemplo. Ele diz que:

As provas fornecidas pelos sonhos, contudo, não de ajudar-nos a compreender outra parte do aparelho. Vimos que só nos foi possível explicar a formação dos sonhos arriscando a hipótese de existirem duas instâncias psíquicas, uma das quais submeteria a atividade da outra a uma crítica que envolveria sua exclusão da consciência. A instância crítica, concluímos, tem uma relação mais estreita com a consciência do que a instância criticada, situando-se como uma tela entre esta última e a consciência. (FREUD, 1900 [1980b], p. 134).

Esse último sistema é o pré-consciente, que fica na extremidade motora (conforme o

desenho acima), o sistema por trás desse é o inconsciente, pois não tem acesso ao consciente senão pelo pré-consciente. O impulso para formar os sonhos se encontra no inconsciente e a seta que figura no desenho acima nos diz a *direção* do aparelho enquanto estamos em vigília – um traço de memória quer vir à consciência, mas encontra uma resistência. Entretanto, quando dormimos a resistência diminui e o caminho contrário parece acontecer – ocorre um movimento regressivo durante o sono. Através dessa regressão “uma representação é retransformada na imagem sensorial de que originalmente derivou [...] a trama dos pensamentos oníricos decompõe-se em sua matéria prima” (FREUD, 1900 [1980b], p.136).

Essa regressão, quer ocorra no sono, quer ocorra em vigília, se dá pelo efeito da resistência que se opõe ao avanço de um pensamento para a consciência e de uma atração simultânea exercida sobre o pensamento pela presença de lembranças dotadas de grande força sensorial. Nos sonhos é ainda mais fácil por uma cessação dos órgãos dos sentidos, possibilitando uma catexia alucinatória dos sistemas perceptivos.

Chegamos assim ao último ponto de importância para nosso estudo deste texto: a realização de desejos. Embora Jones (1989) afirme que o caminho de Freud na teoria do sonho, como realização do desejo não o levou muito longe, é sabido que, embora essa teoria

41

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

deixará de ser absoluta, prevalecerá em partes a partir de 1920 – em *Além do Princípio do Prazer* –, ainda temos coisas a extrair dessa parte da *Interpretação dos Sonhos*.

A primeira questão trazida por Freud é onde se originam os desejos que se realizam nos sonhos? Vejamos o que ele nos diz:

O sonho não se materializaria se o desejo pré-consciente não tivesse êxito em encontrar reforço de outro lugar. Do inconsciente, bem entendido. É minha suposição que um desejo consciente só consegue tornar-se instigador do sonho quando logra despertar um desejo inconsciente do mesmo teor e dele obter reforço. Segundo indicações provenientes da psicanálise das neuroses, considero que esses desejos inconscientes estão sempre em estado de alerta, prontos a qualquer momento para buscar o meio de se expressarem quando surge a oportunidade de se aliarem a uma moção do consciente e transferirem sua grande intensidade para a intensidade menor desta última. (FREUD, 1900 [1980b], p. 143).

O motor maior do sonho, logo, não seria o conteúdo ideico isolado, mas este em sua relação com o efeito econômico de satisfação, a esfera do desejo inconsciente. Nesse sentido, Freud vai mais adiante, acrescenta *que o desejo que é representado num sonho tem de ser um desejo infantil* (p. 143). Esse importante ponto da teoria freudiana será melhor desenvolvido

no capítulo seguinte, a partir da ponte com o texto sobre os *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Para nós importa aqui destacar que:

O trabalho do sonho pode ter êxito em substituir todas as representações aflitivas por seus contrários e em suprimir os afetos desprazerosos ligados a elas. O resultado é um sonho puro de satisfação, uma “realização de desejo” palpável sobre a qual não parece haver mais nada a dizer. (B) As representações aflitivas, modificadas em maior ou menor grau, mas mesmo assim bem reconhecíveis, podem ganhar acesso ao conteúdo manifesto do sonho (FREUD, 1900[1980b], p. 145).

Até um sonho desprazeroso pode ocultar desejos inconscientes portanto. Ele diz aqui que o mecanismo da formação dos sonhos ficaria esclarecido se ao invés da oposição consciente-inconsciente falássemos na oposição entre o ‘ego’ e o ‘recalcado’ – já trazendo algo sobre o lugar do desejo e a origem do mesmo. No entanto, nos aprofundaremos mais na questão do desejo tanto no subitem seguinte quanto no capítulo em que formos tratar da clínica.

3.1.2 O umbigo do sonho

A dimensão da satisfação do desejo inconsciente e o trabalho do sonho que buscava expressar esse desejo de forma indireta e sobredeterminada visando burlar a censura,

42

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

desafiando sua apreensão direta, tornam-se ainda mais complexos a partir da introdução, por Freud, da noção de “umbigo dos sonhos”. Na *Interpretação dos sonhos*, Freud cita essa expressão em dois momentos, ambos em notas de rodapé nos capítulos 6 e 7. Primeiro ele afirma haver “pelo menos um ponto em todo sonho ao qual ele é insondável – um umbigo, por assim dizer, que é seu ponto de contato com o desconhecido.” (FREUD, 1900 [1980B], p. 145). No capítulo VII, na segunda menção ao termo, Freud faz um aprofundamento necessário:

Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é frequente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio. (FREUD, 1900 [1980b], p. 557).

Algo do desejo, em sua dimensão econômica, desafia ainda mais o aparelho psíquico em sua capacidade de figuração. Segundo Trinca (2015) “o desejo, nesse sentido, precisaria ser distinguido da apresentação do desejo, do desejo figurado, daquele desejo que é realizável pelo sonhar, por meio dos pensamentos oníricos inconscientes”. O desejo como uma corrente presente no interior do aparelho mental, que parte do desprazer e aponta para o prazer, é aquilo que põe o próprio aparelho em movimento, em curso (Freud, 1900), mas como um aspecto do inconsciente infigurável em sua totalidade, resiste ao mesmo tempo que insiste.

Freud parece assinalar, assim, que mesmo para além da sobredeterminação, em que depois de interpretarmos uma camada do sonho restará outra e então outra, que ainda que se vá até a última camada restará um desconhecido que não cessaria de sê-lo e de não se dizer, como ponto opaco, embora presente. Posteriormente, neste mesmo volume, Freud traz um sonho em que essa opacidade se faz candente, com o título “Pai, não vês que estou queimando?” (1900 [1980b], p. 505). Nesse sonho, um pai ao sonhar com o filho morto lhe indagando a questão que nomeia o sonho, para Freud tem o sentido dado sem disfarce, no entanto, ele reconhece: “conserva as características essenciais pelas quais os sonhos diferem notavelmente dos pensamentos de vigília e engendram em nós a necessidade de explicá-los” (1900 [1980b], p. 506). Ele passa além dos problemas da interpretação que até este momento tinham sido seu objeto e adverte ao leitor o fim do caminho fácil. No sonho se vê que todas as lembranças e associações, que Freud especula que poderiam estar ligadas a ele, repetem a

43

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

realidade deste ponto não simbolizável. O “umbigo”, para onde os sonhos convergem neste sonho, é algo que se faz apresentar como irrepresentável, esse ponto de toque entre a morte e o desejo do vivo, limite angustiante e limítrofe em relação ao campo da fala e da linguagem, que se repete incessantemente quebrando as cadeias significantes por não haver representação possível. Segundo Costa-Moura (2000):

Essa realidade que se repete, que permanece “por baixo”, en souffrance é o que faz deste sonho o “avesso da representação” de que fala Lacan. O sonho não é apenas uma fantasia preenchendo um voto, uma aspiração. Antes ele dá lugar ao real nesse encontro vivo, necessariamente faltoso, com o filho morto. Real que se deu unicamente na medida em que a chama, a angústia, vindo como por acaso (tiquê) a se juntar ao corpo inerte do filho morto causou o sonho que testemunhou pelo sujeito – “neste mundo sonolento” – que a voz, se fez ouvir na invocação do olhar do pai (“Pai, não vês?” Estou queimando). (p. 56)

4 CAPÍTULO TRÊS

No capítulo anterior utilizamos o texto *A interpretação dos sonhos* (1900) para mergulharmos no debate representacional, onde Freud parece apontar não só do que se trata nas apresentações inconscientes, mas, também identifica como sendo as funções e limites de funcionamento do psiquismo. Há uma força motriz no psiquismo, o desejo ligado à dimensão econômica do psiquismo, que entra em cena na determinação da dinâmica das apresentações. Sobrevém, logo, a nós, a importância de nos aproximarmos dessa dimensão econômica a partir de um dos conceitos freudianos mais diretamente ligados a essa esfera do psíquico, a saber, o “*Trieb*”, traduzido por “pulsão”.

No presente capítulo pretendemos, logo, acompanhar as elaborações de Freud, respeitando a temporalidade de seus desenvolvimentos, e investigar do que se trata no conceito de “pulsão”, quais são seus componentes, em que medida as apresentações podem inscrever algo da pulsão ao nível inconsciente, assim como os avanços e impasses teórico clínicos relacionados à concepção de “pulsão de morte”.

4.1 Três ensaios sobre a teoria da sexualidade

Começamos pelo texto que apresenta ao grande público, de maneira mais explícita, o conceito de pulsão: os *Três ensaios para uma teoria da sexualidade* (FREUD, 1905). Fato importante de ser destacado: embora o texto esteja datado de 1905, esse foi um dos textos com mais acréscimos posteriores nos anos que seguiram sua publicação, ao lado de *Interpretação dos sonhos*. É um texto bastante denso, principalmente por ser uma das bases constituintes da teoria freudiana. Deste texto buscaremos reter, principalmente, a introdução da conceituação sobre o pulsional que, como disséramos há pouco, é crucial para o nosso estudo.

Freud inicia seu livro pelo subitem intitulado ‘As aberrações sexuais’, em que apresenta a hipótese de que o sexual, para o homem, implica uma miríade de formas. Apesar de haverem estudos teóricos relevantes sobre a sexualidade em sua época, suas teorizações não deixaram de suscitar resistências. No entanto, Freud introduz, com seu estudo, diferenciações cruciais:

45

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

[...] chamemos de *objeto sexual* a pessoa de quem provém a atração sexual, e de alvo sexual a ação para a qual a pulsão impele. Assim fazendo, a observação cientificamente esquadrinhada mostrará um grande número de desvios em ambos, o objeto sexual e o alvo sexual, e a relação destes com a suposta norma exige uma investigação minuciosa. (FREUD, 1905[1980], p. 85).

Dentro dos desvios em relação ao objeto (hegemonicamente tomado como o indivíduo do sexo oposto), as “inversões” caracterizariam casos em que a escolha objetual desafia o objetivo da procriação. Ao entrar nesse ponto, Freud nos lembra de que esse suposto ‘desvio’ não pode ser enquadrado como degeneração, e expõe uma série de itens justificando tal alternativa.

No tópico seguinte ele discutirá se essa inversão teria ou não um caráter inato, ao que ele conclui que a polaridade “inata ou a adquirida” não abarca todas as situações presentes na inversão. Não podendo nenhuma dessas possibilidades explicarem a inversão, Freud recorre à noção de “bissexualidade”; primeiro para dizer que um certo grau de hermafroditismo anatômico constitui a norma e, depois, que uma predisposição originalmente bissexual no curso do desenvolvimento vai se transformando em monossexualidade com resíduos ínfimos do sexo “atrofiado”.

Mas, nos diz ele, ao contrário do que se possa pensar, o hibridismo psíquico não tem relação estreita com o hibridismo físico. Ele diz que o hermafroditismo psíquico ganharia corpo se, com a inversão do objeto sexual, houvesse em paralelo pelo menos uma mudança das demais qualidades anímicas, pulsões e traços de caráter para a variante do sexo oposto. Ele conclui que de algum modo há uma predisposição bissexual na inversão e lida também com perturbações que afetam a pulsão sexual em seu desenvolvimento.

Isto posto passemos ao objeto sexual: de imediato inicia o tópico explicando que não se trata de um hermafroditismo psíquico, uma vez que para se atrair pelo mesmo sexo não é necessário sentir-se como o sexo oposto. Ele diz:

A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste. (FREUD, 1905[1980], p. 91).

Freud, então, retoma a experiência clínica como geradora de questionamentos e esteio de suas teorizações, construindo um contraponto entre esta contingência ligada ao objeto e modo de satisfação da pulsão e os sintomas neuróticos. No subitem ‘A pulsão sexual dos neuróticos’, Freud nos revela que as psiconeuroses também se baseiam em forças pulsionais de cunho sexual: os sintomas são um substituto – ou como ele nos diz – “uma transcrição de uma série de processos, desejos e aspirações investidos de afeto, aos quais mediante o recalçamento, nega-se a descarga através de uma atividade psíquica passível de consciência.”.

As formações de pensamento retiradas em um estado de inconsciência aspiram a uma expressão apropriada de seu valor afetivo – uma descarga. “Pela retransformação sistemática (com a ajuda de uma técnica especial) dos sintomas em apresentações investidas de afeto já agora conscientizadas, fica-se em condições de averiguar [...] a natureza e origem dessas formações psíquicas antes inconscientes.” (FREUD, 1905 [1980], p. 101).

No tópico ‘neurose e perversão’ Freud expõe que de modo algum os sintomas surgem apenas à custa da pulsão sexual normal (de maneira exclusiva e predominante), mas que representam a expressão convertida de pulsões que seriam designadas de perversas, se pudessem se expressar sem desvio pela consciência, em propósitos da fantasia e ações. Ele prossegue sustentando que: “portanto, os sintomas se formam em parte, às expensas da sexualidade anormal; *a neurose é por assim dizer o oposto da perversão.*” (FREUD, 1905 [1980], p. 102).

Garcia-Roza (1994 [2000]) nos diz que se o objetivo sexual é caracterizado como a união dos órgãos genitais que conduz a um alívio da tensão sexual, as perversões são definidas como atividades sexuais que se estendem além das regiões do corpo destinadas a essa união sexual, as quais se tornam mais importantes que o objetivo sexual final, e para Freud nenhuma pessoa sadia poderia deixar de acrescentar algo de perverso ao objetivo sexual normal. O grau de perversão permitido por cada pessoa dependerá de maior ou menor resistência oferecida pelas forças psíquicas (sobretudo vergonha e repugnância).

Essas forças vão ser responsáveis pela transformação desses impulsos em sintomas neuróticos, de modo que podemos considerar a neurose como o negativo das perversões e os sintomas como a atividade sexual do indivíduo neurótico. (GARCIA-ROZA, 1994[2000], p. 98).

No segundo dos três ensaios Freud desenvolverá sua teoria da sexualidade infantil. Diz ele que esquecemos os nossos impulsos sexuais infantis como uma forma de recusa a nossa própria infância perversa. Em seguida, ao tratar do autoerotismo, Freud entrará na questão do apoio (*Anlehnung*) que a pulsão sexual tem na pulsão de autoconservação nos primeiros anos. “Ela se apóia em uma das funções somáticas vitais; ainda não se tem objeto sexual e é, assim, autoerótica; e seu objetivo sexual é dominado por uma zona erógena” (FREUD, 1905 [1980],

É importante entendermos a questão do apoio principalmente por conta do que viemos acompanhando sobre o objeto das pulsões. Garcia-Roza (1994 [2000]) nos diz:

O termo apoio designa precisamente essa relação primitiva da sexualidade com uma função ligada à conservação da vida, mas ao mesmo tempo assinala a distância entre essa função conservadora e a pulsão sexual. O objeto da pulsão é o alimento, enquanto o objeto da pulsão sexual é o seio materno - um objeto, portanto, externo ao próprio corpo. (p. 100).

A vida mental inconsciente, ligada à dimensão do desejo e à realidade psíquica, implica, logo, um inelutável intervalo entre o campo dos objetos humanos e aqueles das demais espécies. Para o homem, não haveria uma apresentação inata em seu psiquismo que condensaria um objeto natural para sua satisfação, mas, uma “solda”, montagem afetiva erigida na trajetória que vai da subsistência ao desejo, nos encontros e desencontros com a alteridade. Como nos lembra Garcia-Roza (1994 [2000]):

É evidente que o corpo psicanalítico é um corpo fantasmático e não um corpo anátomo-fisiológico. Mesmo quando Freud [...] “apoia” a pulsão no instinto, não é para semelhanças entre ambos que está apontando, mas sim para as suas diferenças. A própria noção de apoio [...] assinala menos uma semelhança do que uma diferença e uma distância. É para o fantasma que se dirige o desejo, e não para o real; é ao nível da representação que se passa a psicanálise. (p. 102).

Essas construções freudianas encontrarão desdobramentos mais detalhados no primeiro contexto de consolidação da metapsicologia, nos anos 1915, mormente através do texto *A pulsão e suas vicissitudes* que dará sequência às questões tratadas neste item.

4.2 A Pulsão e suas vicissitudes

Antes de iniciarmos este subitem, é importante lembrar que nas edições aqui utilizadas, da editora Companhia das Letras e da editora Imago, muitas vezes o termo “*Trieb*” é vertido em termos de “instinto”, em contraponto com a tradução do termo por “pulsão”,

derivado de *pulsion* em francês, termo este a ser por nós privilegiado devido a sua não homonímia com a força biológica inata cara a etologia. A tradução da versão de ambas editoras parece acompanhar a construção da tradução inglesa das *Obras Standard*, feita do alemão para o inglês e depois deste para o português, transliteração em que *Trieb* se encontra traduzido por “instinto”, inclusive devido a não existência da palavra pulsão no inglês. Assim, doravante, em nossa escrita e nas citações, recorreremos ao termo “pulsão” para evocar de forma mais fiel o conceito freudiano.

Logo no início da edição da Imago, o tradutor nos diz que há uma ambiguidade no uso por Freud dos termos *Trieb* e *Triebrepräzentanz* (representante instintual). Ele localiza a pulsão como “o conceito situado entre o material e o somático... o representante psíquico dos estímulos que se origina dentro do organismo e alcança sua mente”. No entanto, em um artigo anterior, *O Caso Schreber* (1911), o autor descreve a pulsão como sendo o “conceito na fronteira entre o somático e o mental..., o representante psíquico das forças orgânicas”. E, novamente, ao publicar um trecho pouco antes do artigo que trataremos neste subitem, foi acrescida à terceira edição do *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade* (1905), ele descreveu a pulsão como sendo “o representante psíquico de uma fonte de estímulo endossomática, continuamente a fluir [...] um conceito que se acha na fronteira entre o mental e o físico” (p. 171).

As três descrições podem parecer nos remeter a ideia de que Freud não estabelecia qualquer distinção entre uma pulsão e seu ‘representante psíquico’. Aparentava, inicialmente, ser a própria pulsão o representante psíquico de forças somáticas. Entretanto, se passarmos aos artigos seguintes desta série, teremos a impressão de que Freud traça uma distinção muito acentuada entre a pulsão e seu representante psíquico, como podemos ver em um trecho do próprio artigo “O inconsciente”: “uma pulsão jamais pode tornar-se objeto da consciência – somente a ideia [*Vorstellung*] que representa a pulsão é que pode. Mesmo no inconsciente, além disso, uma pulsão não pode ser representada de outra forma senão por uma ideia [...] Quando, não obstante, falamos de um impulso pulsional recalcado [...] referimo-nos apenas a um impulso cujo representante ideacional é inconsciente.” (1915 [2010], p. 114).

49

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Sabemos que a obra freudiana passou por diversas modificações; entretanto, vinte anos antes Freud parecia abordar tal conceito em textos trabalhados por nós aqui, mas de forma diversa – chamando-o de “estímulo endógeno”, que embora não seja tudo o que abarca o

conceito de pulsão, parece o antever. No “Projeto para uma psicologia científica” (1985), embora ele não cite o termo *Trieb*, ele declara que esse estímulo endógeno tem sua origem nas células do corpo e dão lugar às necessidades principais tais como fome, respiração e sexualidade.

Foi somente em *Três ensaios* (1905), porém, que a pulsão pareceu sair do lugar de evento biológico para receber a expressão “instinto/pulsão sexual”. Já as pulsões de autoconservação aparecem em 1910, em um artigo denominado *Perturbações psicogênicas da visão*, onde ele as inclui nos chamados “instintos do ego”, junto com a função repressiva. Nesse momento temos um fato famoso da teoria freudiana que é a crítica de Carl Gustav Jung, que ao se deparar com o conflito pulsões do ego versus pulsões sexuais, diz existir um monismo e não um dualismo.

Em 1914, na *Introdução ao conceito de narcisismo*, Freud tentará responder apresentando a ideia de ‘libido do ego’ (ou ‘libido narcisista’) que catexiza o ego em contraste com a ‘libido objetal’ que catexiza objetos. Tanto no texto supracitado quanto no que iremos trabalhar, Freud demonstra uma preocupação em manter o dualismo. Essas pulsões não sexuais, entretanto, ficam sem esclarecimento até ele escrever o *Além do princípio do prazer* (1920), artigo que trataremos na sequência.

Passemos, então, aos pontos importantes, para o nosso estudo, do texto em questão: Freud nos diz que um conceito que não podemos deixar de fora do estudo da psicologia é o conceito de pulsão [*Trieb*]. No início do texto, ele remonta à fisiologia e traz a distinção entre ‘estímulo’ e ‘pulsão’, mas dizendo que nada nos impede de expressar que “a pulsão seria um estímulo para psíquico” (p. 53), embora não possamos equiparar pulsão e estímulo psíquico, uma vez que há para psique outros estímulos além dos pulsionais.

Numa distinção entre o estímulo pulsional e o fisiológico, é importante lembrar que aquele não provém do mundo externo mas do interior do próprio organismo “por isso atua de forma diferente sobre a psique e requer outras ações para ser eliminado” (c, p. 54). A pulsão se caracteriza por ser uma força *constante*, que uma vez que é interna, não cabe fuga. “Uma denominação melhor para o estímulo pulsional é ‘necessidade’; o que suprime essa

necessidade é a ‘satisfação’.” (FREUD, 1915[2010], p. 54), que pode ser alcançada por meio de uma modificação pertinente (adequada) da fonte de estímulo interna.

Ele também cita o fato de não podermos fugir das pulsões e retorna ao conceito de que o sistema nervoso tem por objetivo *dominar os estímulos*. Freud acrescenta que:

Os estímulos pulsionais que surgem no interior do organismo não podem ser liquidados por esse mecanismo. Portanto, colocam exigências bem mais elevadas ao aparelho nervoso, induzem-no a atividades complexas, interdependentes, as quais modificam tão amplamente o mundo exterior, que ele oferece satisfação à fonte interna de estímulo, e sobretudo obrigam o aparelho nervoso a renunciar à sua intenção ideal de manter a distância os estímulos pois sustentam um inevitável, incessante afluxo de estímulos. (FREUD, 1915 [2010], p.56).

Aqui, os ditos estímulos pulsionais ainda estão sob a égide do princípio do prazer para o autor, que nos lembra de se tratar o desprazer de um aumento de estímulos e o prazer de um decréscimo. Mais à frente veremos como ele complexifica esta hipótese. Voltando ao texto, o autor, então, traz a frase já mencionada: “a ‘pulsão’ nos aparece como um conceito limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida de trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo” (FREUD, 1915[2010], p. 57). Freud utiliza, portanto, o termo “representante”, e não “representação”, ou mesmo “apresentação”, pondo em primeiro plano a não pretensão de uma relação especular, analógica ou literal entre o *quantum* pulsional e sua imagem psíquica.

Neste ponto podemos fazer um adendo sobre essa diferença: Lacan (1959-1960), ao responder a questão de Póntalis da relação problemática ou paradoxal com a realidade na obra freudiana, nos explica que as facilitações (*Bahnung*) evocam a constituição de uma cadeia, neste momento ele, inclusive, aproxima a cadeia significativa, uma vez que “Freud diz que a evolução do aparelho psíquico substitui a quantidade simples pela quantidade mais a *Bahnung*, ou seja, sua articulação.” (LACAN, 1959-1960 [2008], p.53). Mais a frente Lacan diz: “E a esfera, [...] a gravitação das *Vorstellungen* onde as coloca ele? [...] quando se lê bem Freud, se deve situa-las entre percepção e consciência [...]. É entre percepção e consciência que aquilo que funciona a nível do princípio do prazer se insere.” (p. 77). E o que seria isso? Ele nos responde que os processos de pensamento, na medida em que regulam, pelo princípio do prazer o investimento das *Vorstellungen* e a estrutura na qual o inconsciente se organiza.

51

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Se lembrarmos do modelo já apresentado proposto por Freud do aparelho psíquico proposto na *Carta 52* nos diz Lacan “isso não é somente *Vorstellung*, mas como descreve

Freud em seu artigo *Inconsciente* – que veremos a seguir –, *Vorstellungrepräsentanz*, o que constitui a *Vorstellung* como um elemento associativo, combinatório.” (p. 78).

Se a *Das Ding* (A Coisa) se apresenta como o termo de estranho em torno do qual gira todo o movimento da *Vorstellung* (regulado pelo princípio do prazer), *Sach* (a coisa) que aparece no texto *O Inconsciente*, no termo *Sachvorstellung* (representação da coisa) é, segundo ele, a *Vorstellungrepräsentanz*. Esses termos apresentados por Freud estão no registro inconsciente, e há uma distinção entre *Sache* e *Ding*, que Lacan pontua e para o nosso estudo é necessário citarmos uma vez que A Coisa (*Das Ding*) é diferente da representação da coisa (*Sachvorstellung*).

Ei-nos, portanto, levados a distinguir a articulação efetiva de um discurso, de uma gravitação das *Vorstellungen* sob a forma de *Vorstellungsrepräsentanzen* dessas articulações inconscientes. Trata-se de ver o que chamamos, em tais circunstâncias de *Sachvorstellungen*. Essas devem ser situadas em oposição polar aos jogos de palavras, às *Wortvorstellungen*, porém nesse nível aquelas não se apresentam sem estas. Quanto a *Das Ding*, trata-se de outra coisa, é uma função primordial que se situa no nível da instauração da gravitação das *Vorstellung* inconscientes. (LACAN, 1959-1960 [2008], p. 79).

Voltemos, então, à Freud que se propõe a discutir os componentes da pulsão, tais como pressão (a exigência de trabalho feita ao psiquismo), meta (obtenção da satisfação), objeto (aquilo que na pulsão tem de mais variável) e fonte (zona erógena corporal). Ao nosso estudo interessa, sobretudo, o objeto, que segundo ele é “aquele com o qual ou pelo qual a pulsão pode alcançar sua meta. É o que mais varia na pulsão, não estando originalmente ligado a ela, mas lhe sendo subordinada apenas devido à sua propriedade de tornar possível a satisfação.” (FREUD, 1915 [2010], (p. 58). Em seguida, ele dirá que não é necessariamente um objeto estranho, mas uma parte do próprio corpo e que pode ser mudado no decorrer das vicissitudes que a pulsão sofre ao longo da vida.

A meta de uma pulsão é a satisfação, como Freud nos diz no texto; ele lembra, em seguida, que podemos saber sua origem a partir de sua meta. Depois, ao separar as pulsões de autoconservação das pulsões sexuais, ele declara que a origem de tal distinção vem da história da psicanálise, mais precisamente do estudo das neuroses de transferência (histeria e neurose

na raiz dessas afecções.

Após nos lembrar de que a partir do estudo de outras psiconeuroses se podem depreender outros resultados, ele afirma que não entrará nessa seara uma vez que a clínica ainda não se apresentou para ele nesse sentido. Ele, então, traz os quatro destinos da pulsão, segundo a observação: A reversão ao contrário; o voltar-se para a própria pessoa; o recalque e a sublimação. Ele discutirá neste artigo os dois primeiros pontos, já que o recalque e a sublimação ele tratará a parte. Sabemos que Freud não se aprofundou muito na sublimação, mas quanto ao recalque ele deu sequência ao estudo no artigo seguinte. Para nós aqui, no entanto, podemos finalizar com a conclusão do próprio Freud de que:

Os destinos das pulsões consistem essencialmente no fato de que os impulsos são submetidos às influências das três grandes polaridades que governam a vida psíquica. [...] atividade-passividade como a biológica, a do Eu-mundo exterior como a real, e por fim a de prazer-desprazer como a econômica. (FREUD, 1915[2010]. p. 80-81).

4.3 O Inconsciente

Antes de passarmos para o tópico seguinte, decidimos nos ater um pouco em alguns pontos do texto *O Inconsciente* de Freud, escrito em 1915. Ele já começa o texto dizendo que a essência do processo de recalque não consiste em eliminar ou anular a ideia representante da pulsão, mas em impedir que ela se torne consciente, mantendo-se inconsciente. Assim, ele questiona de que forma podemos chegar ao conhecimento do inconsciente? A resposta consiste na tradução deste em algo consciente. Para isso, o paciente deverá transpor as mesmas resistências que fizeram o material ser recalçado no princípio.

Passemos ao que importa deste texto ao nosso estudo: se no início dele Freud se propõe a justificar a existência do inconsciente, a nós interessam alguns itens desse texto; o primeiro o item denominado ‘A pluralidade de sentidos do inconsciente e o ponto de vista topológico’, onde Freud nos revela que ao admitir um sistema *Cs*, *Pcs* e *Ics* a psicanálise se distanciou da psicologia descritiva da consciência. Segundo ele, se antes a psicanálise se diferenciava da psicologia pela concepção *dinâmica* dos processos anímicos, agora ela pretende considerar também a topologia da psique, de forma a indicar acerca de um ato psíquico qualquer no

interior de que sistema ele está ou por quais ele passa. Ele nos diz que se passarmos, por exemplo, uma ideia (*Vorstellung*) da inconsciência para a consciência, ocorre uma mudança funcional provavelmente, e não de um lugar efetivo, mas nesse tópico ele não consegue responder a questão, então nos leva para o segundo, também de importância ao nosso estudo.

No tópico ‘Sentimentos inconscientes’ Freud diz existem ideias conscientes e inconscientes, mas também busca entender se há impulsos pulsionais (*Triebregungen*), sentimentos e sensações inconscientes. Mas, ele expressa que a oposição consciente e inconsciente não se aplica às pulsões, pois estas não podem se tornar objetos da consciência, apenas a ideia que a representa (*Vorstellung*) e também no inconsciente apenas a pulsão não pode ser representada senão por uma ideia, se a pulsão não se prendesse a uma ideia ou estado afetivo, nada poderia se saber dela por exemplo. Quando se fala, portanto, de impulso recalcado ou inconsciente, se trata de um representante ideativo (*Vorstellungsrepräsentanz*) que é inconsciente.

A questão sobre os afetos, sentimentos e sensações inconscientes, é fácil, segundo ele, pois é da natureza de um sentimento que ele seja sentido – que vire consciente. A possibilidade de inconsciência seria excluída nesses casos. Mas, na prática, se dá de outra forma, sendo comum falarmos, por exemplo, de uma angústia inconsciente, para marcar sua determinação inconsciente.

Ele afirma que pode suceder de um impulso afetivo ou emocional ser percebido, mas de forma equivocada, já que ele é obrigado, devido ao recalque, a unir-se com outra ideia e passa a ser tido, pela consciência como manifestação dessa última. “Se reestabelecemos o vínculo correto, chamamos o impulso afetivo original de inconsciente embora seu afeto jamais tenha sido inconsciente, apenas sua ideia sucumbiu ao recalque.” (FREUD, 1915 [2010], p.116). O uso da expressão ‘afeto inconsciente’ remete, portanto, aos destinos do fator quantitativo do impulso pulsional, no que dele pode ser evocado no campo da apresentação, em consequência do recalque.

Mais à frente ele nos diz: “Toda diferença vem de que ideias são investimentos – de traços mnêmicos, no fundo –, enquanto os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga, cujas expressões finais são percebidas como sensações.” ((FREUD, 1915 [2010], p.117). Portanto, o recalque pode impedir que o impulso instintual se transforme em

exteriorização de afeto. Nesse processo de recalque, o afeto se separa da sua ideia e os dois prosseguem para diferentes destinos.

Freud menciona no tópico seguinte que esse processo se dá por meio de desinvestimento, retirando investimento libidinal de uma ideia enquanto que paralelamente ocorre um *contrainvestimento*, onde outra ideia é investida, levando ao que Freud denominou formação substitutiva.

Poderíamos entrar aqui nos pontos seguintes sobre o inconsciente, mas já passamos por esses pontos no capítulo passado, ao falarmos das dinâmicas do inconsciente. Ao nosso estudo interessa agora retornar um trecho do Garcia-Roza (1994 [2000]) onde ele refere que, como vimos: uma pulsão nunca se dá como tal ela só se dá pelos seus representantes (*Vorstellungrepräsentanz*) e o afeto (*Affekt*), ambos sendo os representantes psíquicos da pulsão.

Ocorre que temos a questão já mencionada da tradução da palavra *Vorstellung*, que, segundo ele, no vocabulário alemão designa: 1) aquilo que está presente no espírito, em oposição “a coisa”; 2) percepção de um objeto; 3) reprodução da percepção – recordação; 4) o conteúdo de um ato de pensamento. Ele nos revela que em todos os casos designa uma realidade psíquica em oposição a algo que não é psíquico. Mas a *Vorstellung*, no texto freudiano, remete a apresentação ou ideia que não é o afeto, como vimos acima.

Além disso, devemos nos lembrar do ponto apresentado por Lacan no seminário 7 (1959-1960 [2008]) que trouxemos ao trabalhar o texto das *Pulsões e suas vicissitudes* (1915) de que as apresentações (*Vorstellungen*) que gravitam em torno da Coisa (*Das Ding*) são sempre *Vorstellungsrepräsentanz*. Ele ainda destaca que a Coisa (*Das Ding*) é diferente da representação-de-coisa (*Sachvortellung*). A *Sachvorstellung* também corresponde a *Vorstellungsrepräsentanz*, e pode se tornar consciente ao se ligar a uma *Wortvorstellung* (representação-de-palavra).

Segundo Lucero (2009) para entender “é preciso conceber que algo se instala no lugar da Coisa, fazendo com que ela se apague, ao mesmo tempo que garante a sua existência, por significá-la. Isso que aparece para organizar a “realidade muda” (Lacan, [1959-1960] 1997: 72 apud LUCERO) de *Das Ding* é o significante.”

Para tentar esclarecer melhor podemos citar também Garcia-Roza (1991) que diz que uma *Vorstellung* não decorre daquilo ao qual ela se refere, mas da relação com outra *Vorstellung*. Essa relação além de arbitrária é regida pela lei de *Das Ding*, que busca o prazer e a identidade entre coisas que não têm relação nenhuma. A representação de Coisa só vai adquirir uma significação na articulação com a representação de palavra. Então complementa Lucero (2009):

Se uma representação remete a outra, não sendo passível de ser representada, um "representante da representação" demarca o vazio no lugar de *Das Ding*, sem conseguir preenchê-lo ou traduzi-lo; ao mesmo tempo, é capaz de reunir as representações (*Vorstellungen*) que representam os atributos da Coisa.(p. 283).

Outro ponto importante ao nosso estudo está no tópico VII desse texto, onde ele, ao falar sobre investimento, traz a questão da representação consciente do objeto que este decompõe em apresentação da palavra e apresentação da coisa, que consiste no investimento, se não das imagens mnemônicas diretas das coisas, ao menos de traços mnemônicos mais distantes e delas derivados. Isso responde à primeira questão que apresentamos nesse subitem; as duas não são diferentes registros do mesmo conteúdo em diferentes locais psíquicos, nem diferentes condições funcionais de investimento no mesmo lugar – “a representação consciente abrange a representação da coisa mais a da palavra correspondente, e a inconsciente e apenas a representação da coisa” (FREUD, 1915 [2010], p. 147). Já vimos em cima a distinção entre ambos, mas aqui vale dizer que um se liga ao outro apresentação coisa (*Sachvortellung*) e apresentação palavra (*Worstvorstellung*), produzindo um sentido.

Voltando ao estudo das pulsões passemos a pulsão de morte, conceito a partir do qual a teoria passa a compor uma nova tópica e de igual importância ao nosso estudo.

4.4 A Pulsão de morte

O texto que iremos trabalhar agora é de vital importância ao nosso estudo, além de ter sido ele a incitar o desejo de pesquisar mais profundamente o tema dessa dissertação, também foi, na teoria freudiana, um “divisor de águas”. Traz a marca de uma reformulação da teoria

pulsional, outrora pensada em termos da oposição entre pulsões de autoconservação e sexuais, ou entre pulsões sexuais e pulsões do Eu. Ao nosso estudo, para além do atravessamento da leitura lacaniana que propõe ser a própria pulsão de morte algo irrepresentável, ainda temos

56

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

um dos fenômenos que fez o autor perceber sua existência: a *compulsão à repetição*. Mas devemos acompanhar o pensamento do autor para chegarmos à esse ponto.

Freud inicia *Além do princípio do prazer* (1920) nos dizendo que centralizará a abordagem de seu texto sobre o ponto de vista econômico do aparelho psíquico, e então examina o lugar que o princípio do prazer e os demais princípios do funcionamento mental tiveram nas teorizações até ali. O esquema metapsicológico parte de três princípios: *prazer*, *constância* e o de *realidade*.

Os princípios de prazer e de constância seriam originários do funcionamento do aparelho psíquico, estando relacionados com as pulsões sexuais. O princípio de realidade agiria adiando a satisfação em função das exigências do ambiente, representando uma espécie de desvio do princípio de prazer – não necessariamente se opondo a este. Tal processo estaria relacionado às pulsões de autoconservação e do ego. Essa é a base do primeiro dualismo pulsional – a ser reanalisado no texto em questão.

Temos assim duas fontes de desprazer, uma interna decorrente das exigências pulsionais e o mundo externo. No entanto o autor nos alerta:

As duas fontes de desprazer que indiquei estão longe de abranger a maioria de nossas experiências desagradáveis (...). A maior parte do desprazer que experimentamos é um desprazer *perceptivo*. Esse desprazer pode ser a percepção de uma pressão por parte de instintos insatisfeitos, ou ser a percepção externa do que é aflitivo em si mesmo ou que excita expectativas desprazerosas no aparelho mental, isto é, que é por ele reconhecida como ‘perigo’. (FREUD, 1920 [2006], p. 22).

No capítulo que sucede, Freud entra em situações que envolvem a reação ao perigo e que poderiam suscitar contrariedade ao princípio do prazer, iniciando pelas *neuroses traumáticas*. Ele salienta que tais neuroses têm duas características proeminentes: “o ônus principal de sua causação parece repousar sobre o fator da surpresa, do susto, e a segunda que um ferimento ou dano infligidos simultaneamente operam, via de regra, contra o desenvolvimento da neurose” (FREUD, 1920 [2006], p. 23).

Ele então nos traz as duas possibilidades para a angústia: a angústia sinal para disparar o recalque (uma preparação para o perigo) ou a angústia como temor que não se ligou a uma ideia. Isto posto, remete a elaboração onírica destes acontecimentos, que acabam por repetir o

57

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

trauma, obstando à teoria do sonho como a realização de um desejo, tese apresentada em 1900.

Em seguida, Freud analisa uma brincadeira infantil e traz para a discussão o ponto de vista *econômico* na geração de prazer no brincar com o material traumático. Para o autor, o propósito da brincadeira seria, através da repetição, uma tentativa de elaboração psíquica da ausência materna. Entretanto, ele se vê às voltas com uma questão mais profunda: qual seria exatamente o prazer envolvido nesse jogo? Poderia ser desde uma tentativa de assumir uma posição ativa no jogo, dominando o objeto, até a expressão de impulsos hostis contra o objeto, uma vez que o infante se sente abandonado por este. Termina por concluir que em ambos os casos há uma tentativa de dominar esses estímulos desagradáveis, o que estaria a serviço do princípio do prazer, não servindo para explicar o funcionamento de tendências além do princípio do prazer.

Lacan (1956-1957 [1995]) dá especial importância a essa parte da teoria, ele diz que há um trabalho que se realiza numa vertente significativa, a constituição do par de oposição presença/ausência. É no tratamento dado ao carretel que essas duas vertentes se articulam entre si – no trabalho da perda de um objeto que se constitui o intervalo que vai possibilitar a articulação entre dois significantes. Com essa simbolização primeira que o campo do Outro poderá ser marcado com uma fenda. Para ele neste momento existe a constituição de uma mãe simbólica (função) então marcada por essa alternância. Ao nosso estudo, entretanto, só é importante saber que aqui também temos um ponto vital, além da compulsão que veremos a seguir.

Logo Freud passa para o terceiro capítulo analisando um fenômeno: *a compulsão à repetição*. Ele começa lembrando alguns pormenores do método psicanalítico sobre a repetição, e adverte que seria melhor, então, recordar o fato – e por isso sugere a leitura, em uma nota de rodapé, do texto *Recordar, repetir, elaborar* (1914). Parte da noção de que todo desejo inconsciente recalado volta através da repetição. O recalque seria essa defesa contra o

que está inconsciente e seria insuportável à consciência. No entanto, essa resistência está a serviço do princípio do prazer, uma vez que esse sintoma realizaria de alguma forma o desejo inconsciente.

O autor, entretanto, traz para discussão uma repetição *diferente*, que parece não seguir a lógica do princípio do prazer; as ditas *neuroses de destino*. Segundo ele: “a impressão que dão

58

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

é de serem perseguidos por um destino maligno ou possuídas por algum poder ‘demoníaco’ (...) essa perpétua recorrência da mesma coisa não nos causa espanto quando se refere a um comportamento ativo por parte da pessoa (...). Ficamos mais impressionados nos casos em que o sujeito parece ter uma experiência passiva.” (FREUD, 1920 [2006], p. 36).

Por fim, embora nenhuma dessas análises separadas seja o suficiente para sustentar uma força que esteja além do princípio do prazer, Freud encontra, na junção de todas elas, fatores que contribuem para justificar sua hipótese de uma compulsão a repetição “mais arcaica, mais elementar, mais pulsional do que o princípio do prazer, o qual ela suplanta” (FREUD 1920 [2006], p. 36).

No quarto capítulo o autor vai propor, então, uma nova hipótese teórica especulativa. Ele faz um breve resgate a alguns conceitos da primeira tópica passando pela Cs-Pcpt, distinguindo energia livre de energia ligada, lembrando que o aparato psíquico surge em uma progressiva adaptação aos imperativos energéticos do mundo exterior – ele logo recorre ao exemplo da vesícula para explicar:

Imaginemos um organismo vivo em sua forma mais simplificada possível, como uma vesícula indiferenciada de uma substância que é suscetível à estimulação [...] como resultado incessante de estímulos externos sobre a superfície da vesícula sua substância até uma certa profundidade pode ter sido permanentemente modificada, de maneira que os processos excitatórios nela seguem um curso diferente do seguido nas camadas mais profundas. Formar-se-ia uma crosta que acabaria por ficar inteiramente calcinada pela estimulação, que apresentaria as condições mais favoráveis possíveis para a recepção de estímulos e se tornaria incapaz de qualquer outra modificação. (FREUD 1920 [2006], p. 41).

Esse organismo vivo estaria morto senão por esse escudo protetor contra os estímulos. A superfície mais externa deixa de ter a estrutura apropriada à matéria viva e torna-se, até certo ponto, inorgânica e, a partir daí, se transforma em uma membrana especial, que resiste a

estímulos. Assim, os estímulos externos só podem passar com um terço da sua força original. O autor acrescenta ainda que essa proteção para estímulos é quase mais importante nos organismos que a recepção dos mesmos, uma vez que ao receber os estímulos o intuito é descobrir a direção e a natureza desses estímulos externos, ele faz isso pegando pequenos espécimes do mundo externo. Isso só é passível de entender se em comparação com os processos mentais conscientes.

59

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

O córtex sensitivo, que posteriormente formará o sistema Cs, contudo, também recebe estímulos do interior, onde não pode haver o escudo protetor. Esses estímulos vêm diretamente para o sistema e não têm sua força reduzida, apesar de serem mais comensurados se comparados aos estímulos externos. Esse estado das coisas produz prazer e desprazer (que seria uma espécie de índice do que está acontecendo no interior do aparelho) e é adotado uma maneira específica de lidar com quaisquer excitações internas que produzem aumento de desprazer; as projeções. A tendência é pensar que elas vêm de fora e não de dentro. Foi descrita, assim, como traumática anteriormente a toda excitação que vem de fora que seja suficientemente forte para atravessar o escudo protetor. Aqui o trauma está ligado a uma espécie de ruptura. Para Freud, quando há essa ruptura, o princípio do prazer é momentaneamente posto fora de ação. O autor tenta explicar, portanto, como aconteceriam os fenômenos da neurose traumática a partir disso. Ele coloca que o susto também é um fator importante para essa ruptura, uma vez que a ansiedade seria uma preparação (defesa), bem como as hipercatexias.

O questionamento que surge é de que os sonhos não seriam sempre a realização de um desejo, sendo os sonhos traumáticos a princípio apoiados na compulsão à repetição, não fazendo parte dessa ordem. Esses sonhos se repetem numa tentativa de dominar retrospectivamente o estímulo através da angústia preparatória. As neuroses de guerra, por sua vez, seriam neuroses traumáticas facilitadas por um conflito no ego, voltando a afirmar que um dano físico causado simultaneamente de um trauma diminuiria o efeito do trauma, por motivos de distribuição da libido.

No capítulo V, então, ele retorna a discussão da analogia da vesícula, lembrando que esses estímulos internos são as pulsões, representantes das forças corporais transmitidas ao aparelho psíquico, pertencentes aos processos de energia livre que pressionam para descarga.

Elas estariam ligadas ao processo primário que deveria estar à mercê do princípio do prazer, que posteriormente se submeteriam ao princípio de realidade. Associa o caráter livre das pulsões à compulsão da repetição, afirmando que nela haveria um caráter pulsional intenso em oposição ao princípio do prazer, que configuraria seu caráter ‘demoníaco’. O aparelho psíquico sujeitaria o processo primário/princípio de prazer, além de dominar as excitações pulsionais.

Ele faz o seguinte questionamento: “como o predicado de ser ‘instintual’ (Triebhaft) se relaciona com a compulsão à repetição? [...] *Parece, então, que uma pulsão é um impulso*

60

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas.” (FREUD, 1920 [2006], p. 53/54). Freud assim nos diz que da mesma forma que existem pulsões que impelem à repetição, poderão existir outras que impulsionam no sentido do progresso e da construção de novas formas, já que se assim não fosse a entidade viva não faria mais que repetir o mesmo curso de vida.

Esse estado a que se quer retornar, nos lembra Freud, é um estado antigo, inicial, de que a entidade viva se afastou e se esforça para retornar por tortuosos caminhos, e que como tudo que vive morre por razões internas: somos compelidos a dizer que “o objetivo de toda vida é a morte [...] e as coisas inanimadas existiram antes das vivas”. (FREUD, 1920 [2006], p.56).

Ao afirmar isso Freud nos traz a natureza conservadora dos princípios vitais. Ele se utilizará de Lamarck e Weismann para dissertar sobre como essa natureza conservadora não é senão o estado orgânico querendo voltar para o inorgânico original. Freud começa a rever o dualismo pulsional em função desse, além do princípio do prazer que a compulsão à repetição revela.

Ele lembra:

[...] o instinto recalçado nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa que consistiria numa repetição de uma experiência primária de satisfação. Formações reativas e substitutivas, bem como sublimações não bastarão para remover a tensão persistente da pulsão recalçada, sendo que a diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que realmente é conseguida é o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas. (FREUD, 1920 [2006], p. 62).

Primeiramente, Freud tenta vincular tal tendência conservadora às pulsões de autoconservação, relacionando-a com a questão de que o organismo quer morrer ao seu modo. As pulsões sexuais por sua vez seriam os representantes do impulso contra a morte. Ele reúne tudo isso sob o nome de *Eros*.

Freud inicia o capítulo VI dizendo que a investigação até aqui era entre as pulsões do ego e as pulsões sexuais, sendo que as primeiras exerceriam uma pressão no sentido da morte e as segundas no sentido da continuação da vida, mas logo em seguida revela que essa discussão está fadada à insatisfação. Recorrer, portanto, à teoria de Weismann e conclui que a biologia endossa sua visão dualista da natureza dos organismos vivos, passando até por

61

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Schopenhauer para, por fim, voltar aos organismos multicelulares que se sacrificam dando a vida a outros.

Em seguida, Freud retoma a teoria da libido do ponto de vista do desenvolvimento da psicanálise. Lembra que no início o ego era apenas repressivo e censor, mas que no caminhar da teoria, chegou-se à conclusão de que o ego é o verdadeiro reservatório da libido (em *O Ego e o Id* [1923], Freud colocará o *id* como reservatório da libido, mas essa afirmação pode servir por hora para o desenvolvimento da ideia). A partir do narcisismo o dualismo entre pulsão de autoconservação e pulsão sexual torna-se inapropriado, já que a diferença deixa de ser quantitativa e passa a ser apenas tópica. Ele então reconhece o caráter libidinal das pulsões de autoconservação através da hipótese de *Eros* como tendência pulsional conservadora.

Depois de refutar o monismo junguiano, Freud apresenta um novo caminho para o dualismo pulsional: a oposição entre as tendências à vida e à morte. Analisa, agora, outras polaridades presentes na teoria das pulsões – como amor (afeição) e ódio (agressividade), por exemplo, negando veementemente a redução do dualismo pulsional à expressão dessa polaridade afetiva. Segundo Campos (2014) essa discussão é crucial no que tange à teoria da representação metapsicológica: “Freud está marcando a nítida distinção entre a qualidade das pulsões e a qualidade dos afetos. O afeto é um representante psíquico da pulsão e não a expressão direta desta no psiquismo.” (CAMPOS, 2014, p.146).

Freud lança a concepção de que o sadismo consiste em uma expressão da pulsão de morte, ainda que distinta do ódio. Ele nos diz: “como pode a pulsão sádica cujo intuito é

prejudicar o objeto, derivar de Eros, o conservador da vida?” (FREUD, 1920[2006], p. 74). Em meio a tal argumentação, Freud sustenta a oposição entre uma tendência de redução total dos estímulos em direção à morte e uma tendência à vida que surge da sexualidade e do encontro com o objeto, passando a nomear essa primeira tendência mortífera de “princípio do Nirvana”. Campos (2014) nos lembra aqui da dificuldade que encontra Freud de afastar o princípio do Nirvana do princípio do prazer, uma vez que parece não haver uma oposição – conforme proposto no início do texto –, em suas palavras: “o dilema entre o princípio de prazer absoluto, mortífero e nirvânico, em posição ao princípio de prazer relativo, constante e sexualizado, permanece.”. (CAMPOS, 2014, p. 146).

62

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Apenas na nota de rodapé no final do capítulo – adicionada em 1921 – que Freud resolve algumas contradições, avanços e recuos que faz neste capítulo VI, opondo as pulsões de vida (Eros) às pulsões de morte.

Campos (2014) diz que até o presente momento Freud estava trabalhando com duas linhas de hipóteses sobre a pulsão de morte que não foram suficientemente diferenciadas:

A primeira dessas linhas toma o além do princípio do prazer como o retorno a um estado anterior e que essa tendência conservadora seria o mais pulsional das pulsões. A segunda linha afirma que as pulsões de morte se diferenciam qualitativamente das pulsões de vida assumindo a forma de ódio e agressividade. (CAMPOS, 2014, p. 147).

Ao longo de sua obra, assim como demonstrado no *Mal estar na civilização* (1930) ele parece privilegiar a diferença qualitativa das pulsões, trazendo como mais relacionado à pulsão de morte o ódio, o sadismo e a agressividade. No entanto, a pulsão de morte como um retorno ao próprio, ao morrer ao seu próprio modo parece também estar presente, embora em nuances. Segundo Campos (2014, p. 147) “o que se nota é um narcisismo defensivo, que retiraria seus investimentos do objeto, deixando-se morrer. Um verdadeiro encontro mortífero com o objeto na constituição do ego, em oposição e simultaneidade ao encontro vitalizante que a sexualidade desencadeia.”.

Voltemos ao texto. Freud, no capítulo VII, termina por concluir que a tendência do

princípio do prazer estaria ligada a uma função primária de conservação em relação ao inorgânico, e que secundariamente ela opera num nível de descarga absoluta:

Outro fato notável é que as pulsões de vida têm muito mais contato com nossa percepção interna, surgindo como rompedores da paz e constantemente produzindo tensões cujo alívio é sentido como prazer, ao passo que as pulsões de morte parecem efetuar seu trabalho discretamente. O princípio de prazer parece, na realidade, servir às pulsões de morte. É verdade que mantém guarda sobre os estímulos provindos de fora, que são encarados como perigos por ambos os tipos de instintos, mas se acha mais especialmente em guarda contra os aumentos de estimulação provindos de dentro, que tornariam mais difícil a tarefa de viver. (FREUD 1920 [2006], p. 83-84).

Antes de terminar este capítulo, no entanto, há algo que resta em aberto e parece não se esgotar ao longo do texto, que é a questão do funcionamento do aparelho psíquico – do

63

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

processo primário e processo secundário. Freud nos diz, no capítulo V deste texto – ao associar o caráter livre das pulsões a compulsão à repetição – que:

[...] só depois de ter havido um enlaçamento bem sucedido é que se poderia estabelecer um domínio do princípio do prazer (e sua modificação em princípio de realidade). Enquanto isso não ocorre, a tarefa do aparelho psíquico de processar ou enlaçar a excitação teria prioridade, não em oposição ao princípio do prazer, mas operando independente dele e, em parte, sem levá-lo em consideração (1920 [2006], pp. 52-53),

Há certa falta de precisão nesse argumento, uma vez que se o princípio do prazer opera em processo primário, como poderia ser o oposto disso? Segundo Campos (2014, p. 141) “a questão aí está em discriminar o grau de liberdade da intensidade pulsional em jogo. Até este momento, a intensidade pulsional sempre parecera manejável dentro do princípio do prazer, o que levou à afirmação da sinonímia entre processo primário e princípio de prazer”. A compulsão da repetição passa então a mostrar um funcionamento pulsional ainda mais radical que ultrapassa as leis do processo primário e do princípio do prazer, além de sua estrutura representacional.

Podemos perceber que se nos textos metapsicológicos de 1915 a pulsão não tinha apresentação, mas representante de uma apresentação ausente, já no texto de 1920, pudemos perceber que a pulsão pode fazer comparecer a libido sem a mediação de representantes, ou

seja, como traumático, como angústia. O trabalho da compulsão à repetição é a elaboração ou vinculação desse *quantum* às ideias – ainda que não seja a única forma de trabalho.

4.5 O rochedo da castração

Outro momento em que o limite da apresentação aparece em Freud seria em 1937 em *Análise Terminável e Interminável*. Vamos nos aprofundar nesse texto no capítulo seguinte, no entanto, aqui é importante entrarmos em algumas questões.

Freud marca no texto de 1925 *Algumas consequências psíquicas sobre a distinção entre os sexos* diferenças no desenvolvimento psíquico de meninas e meninos, por se tratar, respectivamente, naquelas, de se perceber castradas, e, neles, de ter medo da castração. Em suas palavras: “enquanto o complexo de Édipo do menino sucumbe ao complexo de

64

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração” (FREUD, 1925, p. 296). Isso se dá, segundo ele porque o complexo de castração sempre age no sentido de seu conteúdo, inibindo e limitando a masculinidade e promovendo a feminilidade.

A distinção para Freud se dá por causa da diferença sexual anatômica e da situação psíquica a ela relacionada. Há uma diferença entre uma castração que já ocorreu e a ameaça desta. A forma como se entra e se sai do complexo de Édipo se mostra significativa. No menino, o complexo de Édipo não é meramente recalcado, ele se despedaça com o choque da ameaça de castração, deixando o Ideal do Eu como seu herdeiro.

Na menina por sua vez, segundo Freud, falta o motivo para a destruição do complexo de Édipo, a castração produziu seu efeito antes – que consistiu em impelir a criança antes para o complexo de Édipo, já que ela culpa a mãe pela falta do pênis, é a inveja do pênis que inicia o movimento do complexo de Édipo. As consequências, diz Freud, são que o Supereu jamais se torna tão inexorável, impessoal e independente de suas origens afetivas quanto requer que seja para o homem. Entretanto é importante frisar que como o próprio Freud diz, o feminino e o masculino são conceitos ideais impossíveis de serem completamente isolados e que tudo isso aponta para a diversidade de caminhos que há no desenvolvimento da vida sexual.

No texto *Análise terminável e interminável* (1937 [2018]) Freud dirá que embora

existam diversos obstáculos no decorrer de uma análise, tanto obstáculos da pulsão como obstáculo do Eu, há um enfrentamento da castração que se dá no fim da análise (o rochedo da castração). Embora ambos os sexos enfrentem esse rochedo, a expressão desse conflito através da transferência não se dará da mesma maneira para homens e mulheres.

Esses enfrentamentos têm a ver com o que foi exposto acima, vejamos: “na mulher a inveja do pênis [...] e no homem a revolta contra sua atitude passiva ou feminina” (FREUD, (1937 [2018], p.322). Lacan nesse sentido acredita que o final da análise está além desse rochedo da castração proposto por Freud; segundo Barros (2010) ele indica que algumas coisas devem acontecer: as identificações devem cair, até mesmo a identificação fálica; a travessia da fantasia, colocado diante do rochedo da castração ou segundo ela “diante do impossível da relação sexual, é a fantasia que sustenta o sujeito face a carência de seu desejo. A travessia da fantasia é a perda desse lugar onde ele se sustentava” (BARROS, 2010, p. 56) e por último a identificação com o sintoma, se no início da análise é algo que o analisando quer

65

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

se livrar por não se reconhecer, no final ele deve ser “interpretado e esvaziado até seu núcleo de gozo”, seu lado *real*.

Miller (2015) ao reinterpretar Lacan refere que, nesse “para além” em relação ao rochedo da castração, ocorre um duplo franqueamento: o primeiro vai do imaginário ao simbólico – onde a análise ultrapassa o Eu e os conflitos com seus duplos para ir em direção ao sujeito barrado; depois vai do *simbólico ao real*, que seria a travessia da fantasia, ou segundo Barros (2010), o rochedo da castração. Segundo pensa, a análise é uma travessia que começa no sintoma e termina no real, núcleo de gozo ou verdade do sujeito, que o gozo tamponava.

Para que possamos operar sobre o sintoma usamos a mediação da fantasia. Há uma parte metafórica no sintoma e uma parte real. “É preciso decifrar o sintoma como se fosse um enigma e para isto desatamos a fantasia que o sintoma ocultava”. (BARROS, 2010, p. 59). Em seguida reduzir a fantasia até seu ponto original, ou a cadeia significante que represente a vida fantasmática do sujeito para então ocorrer à travessia da fantasia, onde se descrê na fantasia básica.

5 CAPÍTULO QUATRO

Ao longo dessa dissertação recuperamos, no trajeto de constituição da psicanálise por Freud, como a teorização sobre o aparelho psíquico se deu numa relação importante com relação ao campo da experiência clínica. A descoberta da realidade psíquica (desejo, fantasia, sonhos e sintomas), a queda da teoria da sedução e a lógica da formação de sintomas levaram Freud a conceber que as *Vorstellungen* apresentam o pulsional de uma forma lateral e indireta, à maneira de um representante, e não como um retrato fiel de um objeto. As associações livres e a resistência ao falar sem restrições lógicas, utilitaristas ou morais, presentificavam apresentações que deixavam entrever uma conexão com elementos inconscientes, quando desveladas, geravam efeitos de surpresa e alívio. Esse tratamento, em que o verbalizar apresentações e nexos de conexão entre essas, tomadas em escuta e manejadas transferencialmente através de interpretações, encontrava, todavia, certos limites. Esses problemas teórico-clínicos explicitados principalmente a partir do texto *Recordar, repetir, elaborar* (1914), serão objetos de nossa investigação agora; após passarmos por Freud utilizaremos um texto da Angela Bernardes (2003) para falar sobre como se dá a questão da

repetição e da transferência. Ora, se passamos por uma parte da teoria que dizia sobre o pulsional em jogo e sobre um limite apresentacional, qual o trabalho a ser feito? Qual a direção de tratamento para o que parece ser um limite?

5.1 Recordar, repetir e elaborar

Freud dá início ao texto lembrando como se deu a clínica até este momento. Na primeira fase pré-psicanalítica da catarse, o foco era colocado em quando se formou o sintoma, havia um esforço para que os processos psíquicos daquela situação fossem reproduzidos, de forma a ocorrer uma descarga mediante a atividade consciente. “Recordar e ab-reagir, com o auxílio do estado hipnótico, eram então as metas a serem alcançadas”. (FREUD, 1914 [2010], p. 194).

Após a renúncia à hipnose veio a tarefa de descobrir, através dos pensamentos espontâneos do analisando, o que ele não conseguia recordar. A resistência era contornada pelo trabalho da interpretação e ao comunicar os resultados ao doente, mantinha-se o foco sobre as situações em que se formara o sintoma e aquelas que se verificavam por trás do

67

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

momento em que a doença surgiu. A ab-reação já estava em segundo plano, sendo substituída pelos trabalhos que o analisando tinha ao lidar com os pensamentos espontâneos.

Ele então descreve a técnica em uso no texto em questão:

[...] no qual o médico renúncia a destacar um fator ou problema determinado e se contenta em estudar a superfície psíquica apresentada pelo analisando utilizando a arte da interpretação essencialmente para reconhecer as resistências que nela surgem e torná-las consciente para o doente. (FREUD, 1914 [2010], p. 195).

Verificamos, assim, uma nova espécie de divisão de trabalho: desencobrir as resistências desconhecidas para o analisando e, quando isso ocorre, como ele consegue narrar os nexos esquecidos. Ou seja, em termos descritivos preencher as lacunas da recordação e em termos dinâmicos a superação das resistências do recalque.

Freud faz alguns apontamentos importantes: o esquecimento se reduz em geral a um bloqueio, ainda que sofra limitações. Temos lembranças encobridoras que representam os

anos da infância esquecida tão adequadamente quanto o conteúdo manifesto do sonho representa os pensamentos oníricos.

Ele nos diz que parece não fazer diferença se essas conexões eram conscientes e deixaram de ser ou se jamais alcançaram a consciência, a convicção que o analisando adquire no curso da análise independe por completo de uma recordação específica. Algumas lembranças que foram vividas na infância parecem ter sua compreensão apenas num *a posteriori*, podendo ser conhecidas através dos sonhos, mas nos lembram de que as convicções que o analisando adquire no curso da análise independe dessa recordação.

Ele nos explica que se aplicarmos a técnica, restará pouco do transcurso suave que viemos fazendo, comentando que alguns agirão como sob a técnica hipnótica enquanto que outros procederão diferente desde o princípio e que diversas vezes as recordações não serão lembradas, mas atuadas, virão como atos e serão repetidas, sem se saber o que se faz. No tratamento psicanalítico, assim, um limite na capacidade de figuração do pulsional e dos conflitos inconscientes se desvela como algo inerente à clínica.

Adiante Freud nos dirá que, sobretudo o início da terapia se iniciará com uma repetição desse gênero. Segundo o autor ao pedirmos que o paciente diga tudo que lhe ocorrer ao invés

68

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

de uma narrativa extensa, acontece, por vezes, silêncio, o que aponta para uma resistência.

Ocorrerá então uma repetição, que é a forma de recordar. E afirma:

Logo notamos que a transferência mesma é somente uma parcela de repetição, e que a repetição é transferência do passado esquecido [transferência] não só para o médico, mas para todos os âmbitos da situação presente. Devemos estar preparados, portanto, para o fato de que o analisando se entrega a compulsão de repetir [...], não apenas em relação ao médico mas em todos os demais relacionamentos e atividades contemporâneas de sua vida. (FREUD, 1914 [2010], p. 201).

Acrescenta que também na resistência não é difícil de reconhecer, quanto maior esta mais o recordar será substituído pelo atuar. Um exemplo é a própria hipnose, cujo recordar ideal está ligado a um estado em que a resistência foi completamente afastada. Se no início do tratamento têm-se uma transferência branda e esta vai se tornando hostil ou muito intensa, necessitando de recalque, imediatamente o recordar cede lugar à atuação. “É do arsenal do

passado que o doente retira as armas com que se defende do prosseguimento da terapia, os quais temos que lhe arrancar peça por peça”. (FREUD, 1914 [2010], p. 202).

O paciente repete sob as condições da resistência. Mas podemos nos perguntar o que ele repete ou atua de fato? “[...] ele repete tudo o que, das fontes do reprimido, já se impôs em seu ser manifesto: suas inibições e atitudes inviáveis, seus traços patológicos de caráter [...] todos os seus sintomas.” (FREUD, 1914 [2010], p. 202). Diz ele que dado isso devemos tratar a doença não como um histórico, mas como um poder atual.

Freud segue dizendo que o início do tratamento faz o doente mudar sua atitude consciente para com a doença, dirigindo sua atenção para a mesma, de forma a ser enxergada como um digno adversário, “uma parcela de seu ser fundamentada em bons motivos, de que cabe extrair algo valioso para sua vida futura.” (FREUD, 1914 [2010], p. 203). Há uma reconciliação com o recalcado que se manifesta nos sintomas. No entanto, deve haver uma piora antes de melhorar, ou, como diz Freud, “não se pode liquidar um inimigo que está ausente” (FREUD, 1914 [2010], p.203).

Ele diz também que pode ocorrer uma repetição de impulsos instintuais novos e mais profundos, que não haviam se imposto ainda, e diz que se dispõe a uma luta com o paciente para manter no âmbito psíquico todos os impulsos que este gostaria de dirigir para o âmbito motor – mediante a recordação, algo que seria descarregado via ato. Depois da ligação pela

69

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

transferência se tornar de alguma forma aproveitável pode impedir que a repetição vire ato e usar a intenção como material para o trabalho.

Às vezes, entretanto, não é possível colocar as ‘rédeas da transferência nos impulsos indomados’, ou pode acontecer de na repetição o paciente cortar o laço que o liga ao tratamento. Ele nos alerta que o principal meio de domar a compulsão à repetição e transformá-la em um motivo para recordar está no manejo da transferência. Diz ele: “tornamos essa compulsão inofensiva, e até mesmo inútil, ao reconhecer-lhe o seu direito, ao lhe permitir vigorar num determinado âmbito.” (FREUD, 1914 [2010], p. 206). A transferência é esse espaço onde o que estava oculto em matéria de ‘pulsões patogênicas’ pode se apresentar com liberdade, dando outro significado de transferência aos sintomas. Há uma enfermidade artificial acessível à interferência, uma parcela da vida real tornada possível

por condições favoráveis, mas em natureza provisória. Ele conclui que depois das recordações as resistências se superam sem dificuldade.

Freud informa que este momento de desvelar a resistência não é o trabalho todo, embora alguns possam pensar que é. Como nos diz: “nomear a resistência não pode conduzir à sua imediata cessação. É preciso dar tempo ao paciente para que ele se enfronte na resistência agora conhecida, para que a elabore, para que a supere.” (FREUD, 1914 [2010], pp. 207/208). O processo de elaboração pode ser uma tarefa penosa, mas essa experiência é o que diferenciará a psicanálise de todo trabalho de sugestão.

5.2 *Durcharbeitung*

Neste subcapítulo trabalharemos algumas questões que atravessam essa dissertação a partir do livro *Tratar o impossível* (2003), de Angela Bernardes. A expressão que dá o título do presente subitem aparece algumas vezes ao longo da obra freudiana, existem diversas possíveis traduções para o termo; em português uma que obteve importante destaque foi ‘perlaborar’. A palavra escolhida foi essa já que *Durcharbeitung* se decompõe em *Arbeit* (trabalho) e *durch* (através), no inglês ficaria *working through*, mas não há tradução latina satisfatória. Jean Laplanche (1990) propõe o termo perlaboração para as línguas latinas pela união do vocábulo per com labor.

70

Considerações sobre os limites representacionais em Freud: Teoria e Clínica

Eduarda Puccini Corrêa da Costa

Quem chamará de ‘trabalho de transferência’, entretanto é Lacan que segundo Bernardes (2003) o usa não propriamente para traduzir *Durcharbeitung*, mas como expressão que dá conta da elaboração em causa no trabalho analítico. Isso além de introduzir, para ele a questão temporal na análise, pois inicialmente ele pensou como um ‘tempo para compreender’.

Segundo Bernardes, a expressão *durcharbeiten* aparece pela primeira vez com o sentido de trabalho analítico no artigo de 1914 que vimos acima, *Recordar, repetir e elaborar*. De acordo com ela, o texto traz uma nova proposta após as dificuldades e, por conseguinte, o abandono da técnica da hipnose. As dificuldades seriam a resistência como efeito próprio do método psicanalítico. Freud busca restabelecer o material esquecido em virtude do

recalcamento, esse esquecido diz respeito às impressões deixadas por acontecimentos passados e “associações entre representações e/ou acontecimentos que não foram significados no momento que foram vividos” (BERNARDES, 2003, pp.47-48).

Temos assim que a autora associa a perlaboração com o trabalho transferencial, podemos seguir essa direção e acompanhar o que vem a frente. Ela faz uma distinção entre as vertentes simbólica e real. Vimos anteriormente que quanto maior a resistência, maior a tendência a substituir a lembrança pela ação e isso obedece a uma compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*). Ela diz da importância desse entendimento para entender a conjuntura com essa compulsão e com o trabalho de transferência.

Vimos também que a transferência se trata de uma transferência de sentido/significação, especialmente no início, quando na *Interpretação dos Sonhos* (1900) Freud diz que a apresentação deve se aliar a uma apresentação sem importância, sendo esse o fenômeno da transferência.

Então, nos revela a autora, a transferência funciona, sobretudo, pelo funcionamento do simbólico e complementa “tudo que se produz de inédito, atual, na transferência aponta para uma outra ordem das coisas, ainda que se conjugue com situações passadas” (BERNARDES, 2003, p. 49). Ela ainda indica que embora o conceito de compulsão à repetição apareça pela primeira vez em 1914, desde os estudos sobre a histeria Freud já indicava a transferência em associação com a repetição. É sabido que na transferência o paciente repetirá suas questões e que é deste lugar que o analista tira o poder de sua ação. E não é que transferência se transforme em resistência como a autora bem aponta, é que a transferência surgiu justamente